

ISTO É

Edição 21 - 30/1/26



A GUERRA DA ESCALA 6X1

O Governo Federal e o Congresso se preparam para discutir mudanças no arcaico dispositivo legal que regulamenta as horas de trabalho, assunto decisivo nas eleições



Capa

Página
6

VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

Governo federal travará uma batalha pela aprovação da redução da jornada 6x1

Índice

CAPA: FOTO DE VITOR DINIZ/PEXELS

3 ENTREVISTA

6 BRASIL

12 ECONOMIA

15 INTERNACIONAL

19 TECNOLOGIA

21 SAÚDE

22 CIÊNCIA

24 GENTE

25 ESPORTE

31 ESTILO DE VIDA

33 ENTRETENIMENTO

38 MEMÓRIA

39 O MELHOR DAS REDES

40 PALAVRA POR PALAVRA



DIVULGAÇÃO

Salão de Detroit teve poucos carros elétricos



DIVULGAÇÃO

Cacau Protásio desfilará pela Portela



DIVULGAÇÃO

David Júnior e Grazi Massafera em "Dona Beja"

Expediente

ISTOÉ
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ

EDITORA EXECUTIVA
Lena Castellón

DIRETOR DE ARTE
Alexandre Akermann

DESIGNER
Mayara Novais

DIRETOR COMERCIAL
Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br

Instagram
@revistaistoe

YouTube
m.youtube.com/@revistaISTOE

X
@revistaISTOE

TikTok
@revistaistoe

LinkedIn
<https://linkedin.com/company/istoe/>

Redação e correspondência
Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)



Metzger: O Aedes aegypti está se espalhando com o aquecimento

LEONARDO MONTEIRO

Menos floresta, mais doenças

Jean Paul Metzger, professor da USP, explica como a perda de biodiversidade aumenta riscos à saúde urbana e por que 30% de cobertura florestal é o limiar crítico para a natureza

A Mata Atlântica tem hoje 24% de cobertura florestal, mas cientistas indicam que são necessários ao menos 30% para manter a biodiversidade e o equilíbrio do ecossistema. Quando a floresta fica abaixo desse limite, espécies nativas desaparecem e dão lugar às mais adaptáveis, muitas delas transmissoras de doenças. O bioma mais urbano do Brasil – no qual vivem 70% da população –, perde entre 18 e 20 mil hectares de floresta madura por ano. Essa perda não apenas ameaça

a fauna e a flora, mas compromete benefícios essenciais que a natureza oferece: regulação do clima, fornecimento de água, polinização e controle de pragas. Nesta entrevista, o professor Jean Paul Metzger, do Instituto de Biociências da USP, explica como a degradação florestal impacta diretamente a saúde nas cidades e por que a restauração de áreas verdes próximas aos centros urbanos é fundamental para enfrentar eventos climáticos extremos.

Jennifer Ann Thomas

A Mata Atlântica é o bioma mais urbano do Brasil, onde vivem 70% da população. Ao mesmo tempo, é o que tem a menor taxa de vegetação remanescente. O que isso significa?

Primeiro, é importante dizer que vivemos imersos na Mata Atlântica, um dos biomas mais biodiversos do mundo. Temos mais cobertura do que muitos imaginam: cerca de 24% do bioma tem cobertura florestal, sendo 12% de mata madura e outros 12% em regeneração. É o menor valor entre todos os biomas brasileiros, mas não é apenas a quantidade que importa – o estado de conservação também é fundamental.

O que são os serviços ecossistêmicos que a Mata Atlântica oferece?

São todos os benefícios que recebemos via processos ecológicos e de ecossistemas. Podem ser materiais, como água e alimentos, ou regulatórios – regulação do clima, controle de pragas, polinização e qualidade da água. Uma vegetação bem preservada ajuda a ter água de boa qualidade. Além disso, temos os serviços culturais: recreação, beleza estética, conexão espiritual ou emocional com o ambiente, que sabemos fazer bem inclusive para a saúde mental. Estamos numa cidade muito populosa, mas São Paulo tem 500 espécies de aves, muitas espécies ameaçadas, a [Serra da] Cantareira biodiversa e fica ao lado da Serra do Mar, um dos maiores contínuos da Mata Atlântica. Estamos muito próximos desse bioma que nos faz bem, mas que não necessariamente valorizamos como deveríamos.

Por que a fragmentação florestal é um problema além do desmatamento?

Não é apenas o quanto sobrou que importa, mas o estado de conservação. Quando você separa o que era um contínuo em pedaços isolados, isso reduz os fluxos biológicos e genéticos entre os fragmentos. As populações ficam confinadas, perdendo a capacidade de resgatar espécies que enfrentam dificuldades locais. O desmatamento já é um vetor forte de extinção, mas a fragmentação acelera esse processo porque degrada e isola os ambientes.

Dos 24% de cobertura que temos, 12% são de mata madura e outros 12% em regeneração. São menos funcionais em captura de carbono, polinização e proteção da água.

Como conectar esses fragmentos?

O ideal é aumentar a conectividade para estimular os fluxos biológicos – pássaros que se deslocam, pólen que vai de um lugar para outro. Se um fragmento sofre extinção local, mas o vizinho está preservado e consegue recolonizar, você mantém um balanço entre extinção e recolonização. Isso é o que chamamos de dinâmica de metapopulação. Não precisa ser complexo: corredores ecológicos e matrizes mais permeáveis ajudam bastante.

Qual é o patamar mínimo de cobertura florestal para manter a biodiversidade?

Precisamos de pelo menos 30% de cobertura para manter os fluxos biológicos e a biodiversidade. Quando você baixa para 20% ou 15%, há um decaimento rápido da riqueza de espécies. Abaixo de 15%, ficam apenas as espécies generalistas. Isso é problemático não só pela perda de biodiversidade, mas porque muitas dessas espécies generalistas transmitem doenças, como no caso da hantavirose, onde comunidades empobrecidas têm potencial muito maior de transmitir o vírus para humanos.

Essa relação entre biodiversidade e saúde não é linear, correto?

Exatamente. Perder 100 hectares numa paisagem com muita vegetação pode não ser grave, mas perder a mesma área perto do limiar de 30% pode ser gravíssimo. São os chamados tipping points, pontos de ruptura que levam o sistema abruptamente para outro estado de equilíbrio, potencialmente prejudicial para nós.

Quais são os exemplos de sucesso em restauração da Mata Atlântica?

Trabalhar espécie por espécie, como na reintrodução do mico-leão-dourado, tem custo altíssimo. É muito mais eficiente prevenir do que remediar. O importante é manter os 30% de cobertura, ter grandes fragmentos co-



REPRODUÇÃO

mo unidades de conservação que funcionem como reservas de diversidade, e estimular a regeneração natural. De 1985 até recentemente, perdemos 3,7 milhões de hectares de Mata Atlântica, mas recuperamos 3,8 milhões, principalmente por regeneração natural, não plantio. Diversos instrumentos ajudam: controle do desmatamento, pagamento por serviços ambientais, a Lei de Proteção da Vegetação Nativa [que, de modo geral, busca equilibrar produção agropecuária e proteção ambiental, definindo onde e como a vegetação deve ser preservada e em que condições pode haver uso econômico da terra], crédito de carbono e trabalho com comunidades. O que não pode é desmontar o licenciamento e facilitar a perda de vegetação.

Mas há um problema nessa regeneração.

Sim. Estamos perdendo florestas maduras num ritmo de 18 a 20 mil hectares por ano e ganhando floresta jovem, ainda empobrecida e menos funcional. Pior: um terço dessa floresta que regenera é perdida novamente, metade em apenas oito anos. Proprietários deixam regenerar, mas cortam antes que a lei proíba, por precaução. Precisamos estimular que essa regeneração permaneça.

A restauração deve acontecer apenas em áreas rurais?

Não, e esse é um ponto crucial. A lógica do crédito de carbono leva a restauração para áreas rurais de baixo custo, mas 85% da população brasileira vivem em cidades. Muitos serviços ecossistêmicos importantes para a população urbana, como amenizar ilhas de calor, ondas de calor, enchentes e absorver poluentes, dependem de vegetação próxima. Restaurar no interior não traz esses benefícios de adaptação.

Há potencial para restauração na área periurbana?

Sim. Em São Paulo, estimamos 500 mil hectares de área potencial para restauração no perímetro periurbano, que corresponde a apenas 4% do estado. Isso representa um terço da meta do plano de ação climática estadual de restaurar 1,5 milhão de hectares até 2030. Desde 2005, a taxa de regeneração no periurbano é maior que o desmatamento. Publicamos um artigo mostrando que, mesmo nessa área, com a cidade crescendo, há regeneração acontecendo. Meio milhão de hectares numa área periurbana ajuda na amenização climática, nas enchentes, traz resiliência para eventos extremos mais comuns, como as ondas de calor que vivemos.

Como as ondas de calor se relacionam com isso?

O planeta já aqueceu cerca de 1,5 grau acima do período pré-industrial. Mas em áreas urbanas, o efeito de ilha de calor adiciona mais 4 a 5 graus, podendo chegar a 12 graus de diferença com o rural adjacente. Dentro das cidades, esse aquecimento soma-se à média mundial. Quando chega uma onda de calor – dias seguidos com temperatura 5 graus além da média – temos problemas de termorregulação fisiológica, principalmente em idosos e crianças. Na década de 1990, tínhamos cinco eventos por ano; hoje são 40, 50 ou mais. As ondas de calor na Europa em 2003 e 2023 mataram entre 40 e 70 mil pessoas cada – é o evento extremo ligado a mudanças climáticas que mais mata.

Como o conceito de saúde única se aplica aqui?

Saúde única, saúde planetária e eco-saúde destacam a interdependência entre saúde humana, animal e ambiental. Nosso bem-estar depende da integridade do ambiente. As ondas de calor causam doenças cardiovasculares e respiratórias em populações vulneráveis. Mas a mudança climática também provoca deslocamento de espécies. No Brasil, espécies do interior tendem a se deslocar para áreas mais frescas no litoral ou sul. Algumas são transmissoras de doenças. O *Aedes aegypti*, por exemplo, está se espalhando com o aquecimento, trazendo riscos de dengue, zika e chikungunya. Há também o transbordamento de patógenos de animais para humanos – como possivelmente aconteceu com a Covid.

Essa conexão com a saúde pode ajudar a mudar nossa relação com o meio ambiente?

Sim. Existem diferentes vivências da natureza: viver da natureza explorando-a, viver na natureza beneficiando-se, viver com a natureza pensando em responsabilidade, e viver como natureza – uma dimensão mais presente em populações indígenas, com noção de unicidade. Vivemos muito da natureza e precisamos viver mais na natureza e com ela. Isso implica questionar valores morais e éticos sobre como nos relacionar com outras espécies. Esses



valores variam culturalmente. Posso adotar dieta vegetariana para reduzir minha pegada, mas entendo que em comunidades indígenas, onde a pesca e a caça são importantes rituais, esse não seja o valor promovido. Não se trata apenas do benefício utilitarista em água, carbono ou saúde, mas também de questionar o nosso papel: o que podemos fazer para manter outras espécies e ter um ambiente mais íntegro?

Qual o melhor caminho para essa transformação?

Comecei minha carreira focado no valor intrínseco da biodiversidade, mas percebi que chegar para um proprietário falando de espécies endêmicas não convence. Os serviços ecossistêmicos, apesar de utilitários, funcionam quando mexem no bolso ou na saúde. Os valores instrumentais têm papel importante com grandes proprietários e empresas. E precisamos internalizar e monetizar esses valores para ter mecanismos financeiros de conservação. Por outro lado, cada um pode pensar como se relacionar com a natureza: usar bicicleta, reduzir o consumo de carne, fazer reciclagem, economizar água, colocar placa solar. Cada pessoa pode entender como diminuir sua pegada.

Qual é a importância da mudança sistêmica?

Jogar a responsabilidade no indivíduo pode ser injusto. Precisamos de mudanças estruturais do sistema. No relatório do IPBES [Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos, organismo internacional criado em 2012 para avaliar o estado da biodiversidade no planeta e traduzir o conhecimento científico em subsídios para políticas públicas], discutimos que a transformação requer mudar valores fundamentais: reduzir concentração de poder, tirar o foco do lucro imediato, valorizar a relação sociedade-natureza. Essas regulações são movidas por valores. Se não mexermos neles, será difícil que apenas mudanças individuais levem à transformação desejada. Precisamos de mudanças estruturais somadas a atitudes individuais. Temos que chamar setor empresarial, agropecuário e governos para trabalhar junto. A COP30 esteve no Brasil, mas não adianta ter uma COP se não temos implementação local, nas comunidades e governos municipais. Temos de ligar decisões em escalas global, nacional, estadual, municipal e local. Esse é o grande desafio. **E**



A discussão da redução da escala 6x1, modelo consolidado na década de 1940, tem forte apelo popular

A próxima batalha

Com forte apelo popular, a redução da jornada de trabalho 6x1 é a principal pauta do governo no Congresso Nacional, que espera aprová-la no primeiro semestre; ela deve enfrentar resistência de parte da oposição – atenta aos esforços de reeleição de Lula – e de setores econômicos que temem possíveis impactos econômicos

Luma Venâncio

A retomada dos serviços na Câmara dos Deputados e no Senado, marcada para a segunda-feira, 2, também dá largada ao ano eleitoral, em que toda movimentação política ganha peso dobrado. O fim da escala 6x1 (com um dia de descanso após seis trabalhados, regime fundamentado com a CLT, em 1943) deve ser pauta prioritária para o governo no primeiro semestre, e aliados avaliam qual proposta – e em qual Casa – ela terá mais chances de emplacar. Bandeira clássica dos movimentos trabalhistas, a redução dessa jornada é debatida há tempos no Legislativo, sendo que, desde 1995, ao menos 13 projetos sobre o tema já foram apresentados e arquivados.

No ano passado, o assunto voltou a aparecer no debate público – e talvez pela primeira vez com engajamento em massa – com a união do movimento Vida Além do Trabalho (VAT) e de parlamentares da base governista. O destaque se deu por meio da deputada Erika Hilton (PSOL-SP), que utilizou a visibilidade nas redes sociais para divulgar a matéria. E agora, com a campanha de reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), a tendência é que

a redução da jornada 6x1 seja tratada como um dos principais trunfos de seu governo, tendo em vista a larga adesão popular à proposta. Apesar disso, ela ainda enfrenta resistências de setores empresariais e parte da oposição.

No total, há quatro Propostas de Emenda à Constituição (PEC) tramitando no Congresso sobre a escala 6x1, sempre sob o princípio de “redução de jornada sem redução de salário”. A mais popular é a PEC 8/2025, de autoria de Erika Hilton, que altera artigo da Constituição para reduzir o limite de trabalho de 44 para 36 horas semanais (o que foi estabelecido em 1988). O texto ainda prevê a potencial redução do expediente para quatro dias de trabalho e três de descanso. Assinada por mais de 200 deputados, a proposta já foi protocolada e atualmente está em uma subcomissão da Câmara criada especialmente para debatê-la.

O relator da comissão especial, deputado Luiz Gastão (PSD-CE), apresentou um relatório com mudanças na proposição original, sugerindo uma jornada semanal máxima de 40 horas. Caso o texto seja aprovado, ainda precisará passar pelo crivo do Senado.

As demais propostas são: PEC 221/2019, de autoria do deputado Reginaldo Lopes (PT-MG) e atualmente parada na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados (se aprovada, passará a valer dez anos após a promulgação); PEC 148/2015, originalmente apresentada pelo senador Paulo Paim (PT-RS), com substitutivo do senador Rogério Carvalho (PT-SE) e que já passou pela CCJ (ela estabelece um período de transição); e PEC 4/2025, do senador Cleitinho (Republicanos-MG), que propõe redução na carga semanal de 44 para 40 horas e aguarda despacho para tramitar nas comissões.

Argumentos pró-redução

Do lado do governo e de parlamentares da base, a defesa do fim da escala 6x1 tem se apoiado tanto em apelo social quanto em dados econômicos. O movimento Vida Além do Trabalho, iniciativa social idealizada pelo vereador e influenciador Rick Azevedo (PSOL-RJ), ganhou força nas redes e em atos públicos ao sustentar que o modelo atual de produção compromete a saúde, o convívio familiar e a qualidade de vida dos trabalhadores, além de não refletir os ganhos de produtividade acumulados nas últimas décadas. A pressão social ajudou a recolocar o tema no centro do debate legislativo e passou a ser citada por deputados governistas como evidência de uma demanda concreta da sociedade.

A argumentação da base também se apoia em estudos que indicam efeitos positivos da redução da jornada sobre a economia. Uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), realizada em 2024, analisou 19 empresas brasileiras que adotaram jornadas reduzidas e apontou que 72% destas instituições registraram aumento de receita, enquanto 44% apresentaram melhora no cumprimento de prazos.

Segundo a ministra de Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, o fim da escala 6x1 pode aumentar a produtividade no país e que modelos flexíveis já são adotados por iniciativa do setor privado. Poucos dias antes da volta dos trabalhos legislativos, ela afirmou que a expectativa é que a pauta seja aprovada ainda no primeiro semestre de 2026.



PEC 8/2025, de Erika Hilton, reduz a jornada para 36 horas semanais

LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

“Não é possível que as pessoas tenham um dia só por semana para descansar e para terem os seus afazeres domésticos e pessoais. Isso atinge principalmente as mulheres. Então, o presidente Lula está determinado [em obter a aprovação]”, explicou.

No Congresso, aliados do governo têm afirmado que a proposta não representa uma ruptura imediata com o mercado de trabalho, mas uma atualização do parâmetro constitucional vigente desde 1988. A base sustenta que trabalhadores mais descansados tendem a produzir mais, adoecer menos e permanecer por mais tempo nos empregos, o que reduziria custos indiretos para empresas e para o Estado.

O senador Paulo Paim (PT-RS) sempre esteve envolvido com pautas trabalhistas e é autor da PEC mais antiga sobre o tema – atualmente em trânsito no Senado Federal. Ele apontou que a redução da jornada de trabalho segue uma tendência global. Países como Portugal, Espanha, Chile, Equador e Holanda adotaram jornadas mais flexíveis. “A PEC é viável, necessária e equilibrada. Um avanço civilizatório, compatível com a Constituição e com os direitos humanos”, defendeu Paim.

A posição do empresariado

A principal oposição ao fim da escala 6x1 fora do Congresso vem do empresariado, que passou a atuar como força política indireta no debate legislativo ao reforçar alertas sobre impactos econômicos da medida.

Entidades do setor produtivo sustentam que a redução pode elevar custos, pressionar preços e comprometer a competitividade das empresas, mesmo diante de estudos sobre ganhos de produtividade. O discurso foi reforçado com declarações recentes do presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Ricardo Alban, que afirmou que o país não teria condições econômicas de absorver o fim da escala 6x1 no curto prazo e que eventuais custos adicionais acabariam sendo repassados ao consumidor. Ele prometeu o lançamento de um estudo para demonstrar os impactos econômicos da medida.

Em nota à reportagem, a CNI defendeu a “negociação coletiva” acerca das proposições, mas pondera que “de for-

ma geral, alterações legais que reduzam o limite semanal de trabalho abaixo de 44 horas podem restringir o espaço da negociação e comprometer a segurança jurídica, principalmente em um ambiente que exige modernização das relações do trabalho, previsibilidade regulatória e sustentabilidade empresarial”.

Em reação ao desencorajamento da pauta pelo presidente da Confederação, o ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Guilherme Boulos, acusou a CNI de recorrer ao que chamou de “terrorismo econômico” para tentar frear o avanço do projeto. Segundo ele, a estratégia de associar a ampliação de direitos trabalhistas ao aumento de preços e perda de produtividade repete argumentos historicamente utilizados contra conquistas sociais e busca criar um ambiente de medo que pressione parlamentares, sobretudo do centrão.

Para a base governista, esse tipo de narrativa ignora evidências de experiências já adotadas por empresas que reduziram a jornada e reforça o caráter político da resistência empresarial, que extrapola o debate técnico e se transforma em instrumento de disputa dentro e fora do Legislativo.

Um levantamento da Quaest feito no segundo semestre de 2025 revelou que a resistência encontra respaldo na maioria da Câmara: 70% dos deputados se declararam contra a proposta ou receosos de apoiá-la, o que dificulta a obtenção dos 3/5 dos votos da Casa exigidos para aprovação da PEC. Análises indicam que parte da oposição prefere não levar a proposta a voto e tenta empurrá-la para a gaveta pelo receio de que ela seja votada em ano eleitoral – estratégia que transforma a pauta num jogo de custos políticos.

Fragments do Centrão, parlamentares bolsonaristas e até deputados do Novo já se articulam para apresentar propostas concorrentes, pedidos de retirada ou contrapropostas. Um dos nomes mais vocais contra a PEC, o deputado Marcos Pollon (PL-MS) disse que o texto da proposta é “grosseiro” por “errar inclusive na matemática básica do computo de horas semanais”. Ele declarou ser favorável à redução de escala, mas argumentou que é preciso repassar ao empregador meios para suportar o custo da mudança na jornada de trabalho.

Pollon ganhou destaque por sugerir uma PEC que previa o fim dos feriados

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL



Gleisi: o regime 6x1 atinge especialmente as mulheres

no Brasil justamente quando o texto de Erika Hilton tomava espaço no debate público, no fim de 2024. A intenção, segundo o parlamentar, era tornar o país mais “economicamente competitivo” e evitar interrupções na produtividade. A investida foi encarada pela base governista como uma provocação frente ao progresso da pauta trabalhista.

Na figura geral, o Congresso já emperrou pelo menos nove proposições sobre a redução de jornada de trabalho, se aproveitando da quantidade de trâmites e da exaustão burocrática que transpassa a efetivação do projeto. O presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), já defendeu um “tratamento institucional” para a matéria, mas declarou que não se deve “ficar vendendo sonhos” sobre o texto. Em últimas atualizações, o líder do governo na Câmara dos Deputados, José Guimarães (PT-CE), afirmou ter recebido uma sinalização “positiva” de Motta sobre o debate do fim da escala 6x1 neste ano, o que pode representar um avanço nas negociações.

O que pensa o público

Pesquisas divulgadas no final de 2024 e início de 2025 indicam que uma ampla maioria dos brasileiros defende o fim da escala 6x1. Um levantamento do Projeto Brief, da Quid (organização sem fins lucrativos que atua como um



Pollon afirma que o empregador precisa de meios para suportar o custo da mudança

VINICIUS LOURES/CÂMARA DOS DEPUTADOS

laboratório de comunicação para causas progressistas) em parceria com a plataforma Swayable (que avalia conteúdos e estratégias com o objetivo de impactar a opinião pública), mostrou que mais da metade da população apoiava a abolir esse regime de trabalho, uma proporção que se mantinha alta mesmo quando considerados posicionamentos ideológicos – com apoio tanto entre declarados de esquerda quanto de direita.

De acordo com esse estudo, conduzido em 2024, quase 70% da população já apoiava a proposta antes mesmo de ser confrontada com mensagens per-

suasivas, e que esse apoio subia ainda mais entre mulheres e até entre parte de eleitores autodeclarados de direita.

Outro trabalho, feito em 2025 pelas empresas de pesquisa Instituto Locomotiva e QuestionPro, identificou que 57% dos brasileiros consideram que a escala 6x1 deveria acabar. Na visão de 54% dos entrevistados, o regime de seis dias prejudica a saúde mental. Além disso, 65% defendem que, com uma jornada mais flexível, haveria aumento na oferta de emprego. E 40% acreditam a economia não seria afetada por essa mudança.

Quatro propostas

Existem quatro PECs focadas na redução da jornada de trabalho, duas na Câmara dos Deputados e duas no Senado:

Proposta	PEC 8/2025	PEC 221/2019	PEC 148/2015	PEC 4/2025
Autor	Deputada Erika Hilton (PSOL-SP)	Reginaldo Lopes (PT-MG)	Senador Paulo Paim (PT-RS)	De autoria do senador Cleitinho (Republicanos-MG)
Descrição	Visa alterar a Constituição Federal para reduzir a jornada de trabalho semanal de 44 para 36 horas, eliminando a escala 6x1 e promovendo uma jornada de quatro dias por semana sem redução salarial. Está em uma subcomissão da Câmara e aguarda votação.	Apresentada pelo deputado, está parada na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara. O texto altera a Constituição para reduzir a jornada semanal de trabalho para 36 horas. Se aprovada, a emenda só passaria a valer dez anos após a promulgação.	Em análise no Senado desde 2015, foi aprovada na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), mas ainda não foi votada em plenário. O texto atualmente em tramitação é um substitutivo apresentado pelo senador Rogério Carvalho (PT-SE) e prevê a redução da carga semanal de 44 para 36 horas, distribuídas em até cinco dias. A proposta estabelece um período de transição ao longo dos próximos anos e garante repouso semanal remunerado de, no mínimo, dois dias, preferencialmente aos fins de semana.	Reduz a jornada máxima semanal de 44 para 40 horas, com possibilidade de trabalho em até cinco dias por semana. O texto também prevê descanso semanal remunerado, preferencialmente aos sábados e domingos. A matéria ainda aguarda despacho da presidência do Senado para começar a tramitar nas comissões.

O jogo da direita

Após encontro com Bolsonaro, Tarcísio reitera que disputará à reeleição e manifesta apoio a Flávio; Ronaldo Caiado migra para o PSD e reforça sua disposição de concorrer à presidência

Tarcísio: Bolsonaro vê a mudança de Caiado para o PSD com bons olhos por somar forças



JOÃO VALÉRIO/GOVERNO DO ESTADO SP

No primeiro encontro com Jair Bolsonaro (PL) desde a indicação do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) como seu sucessor político, o governador de São Paulo Tarcísio de Freitas (Republicanos) reiterou na quinta-feira, 29, que disputará a reeleição e manifestou seu apoio ao filho 01 do ex-presidente na corrida rumo ao Palácio do Planalto. As declarações foram dadas depois da visita que Tarcísio fez ao líder do clã Bolsonaro, no 19º Batalhão da Polícia Militar do Distrito Federal, conhecido como “Papudinha”.

O governador contou ainda que ex-presidente vê com “bons olhos” a mudança do governador de Goiás, Ro-

naldo Caiado, que saiu do União Brasil para o PSD. O movimento foi revelado na terça-feira, 27. Com isso, Caiado reforça seu nome como pré-candidato à presidência da República.

Segundo Tarcísio, Bolsonaro avalia que a resolução de Caiado “vem para somar” aos interesses da oposição ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que busca a reeleição. Isso ajudaria, na visão do ex-presidente, a eleger um candidato de direita ou centro-direita em outubro deste ano.

No mesmo PSD, os governadores do Paraná, Ratinho Júnior, e do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, também são concorrentes declarados ao Palácio

do Planalto no campo de oposição. De acordo com Tarcísio, Bolsonaro não demonstra “preferência” entre os três.

A concentração de presidenciáveis na legenda presidida pelo ex-ministro Gilberto Kassab sucede uma série de declarações do governador de São Paulo em que este afirmava que não concorreria à sucessão de Lula.

Kassab é secretário de Governo e Relações Institucionais de Tarcísio — posição essencial para a multiplicação de prefeituras do PSD no estado — e não esconde a predileção pelo governador paulista para o cargo. “A minha posição pessoal e a do PSD é que nosso candidato a presidente é o Tarcísio. Se ele não for, será o Ratinho ou o Eduardo Leite”, afirmou o dirigente semanas antes da filiação de Caiado.

Nos demais partidos da centro-direita, como União Brasil, PP e no próprio Republicanos de Tarcísio e em setores do empresariado, havia a tendência de unificação do campo ao redor de um projeto presidencial do governador paulista. Em linhas gerais, é consenso que, mesmo sendo ex-ministro de Jair Bolsonaro, ele teria capacidade de, no plano nacional, atrair setores refratários a Lula, mas distantes do bolsonarismo.

O curso foi alterado em dezembro, quando o ex-presidente, preso por uma tentativa de golpe de Estado, lançou seu filho Flávio como pré-candidato. Entre os elegíveis, o “01” é quem melhor performa nas pesquisas de intenção de voto contra o petista; as lideranças do “centrão”, no entanto, ainda não aderiram à candidatura pelos altos índices de rejeição que o sobrenome atrai.

Antes do encontro com o ex-presidente — que tinha sido adiado uma vez —, Tarcísio já havia afirmado publicamente o desejo de um novo mandato no Palácio dos Bandeirantes e dito que dará palanque a Flávio em São Paulo.

Sem Tarcísio na corrida ao Palácio do Planalto, o caminho para o PSD alçar voo solo ficou mais aberto. Quando anunciou sua filiação ao partido de Kassab, Caiado classificou a decisão como um gesto de “desprendimento” e comentou que aquele que “for escolhido” para a eleição presidencial terá o apoio dos demais — nenhum dos três governadores, portanto, abre mão da empreitada neste momento. **E**

As pressões sobre o ministro

Dias Toffoli, relator do caso Master, esclarece “principais andamentos” sobre a condução do inquérito no STF em comunicado

O ministro do STF afirmou, via nota, que o caso pode ser remetido à primeira instância



GUSTAVO MORENO/STF

O gabinete do ministro Dias Toffoli, do Supremo Tribunal Federal (STF), relator do caso Master, divulgou na quinta-feira, 29, uma nota à imprensa para esclarecer “principais andamentos” do inquérito que apura irregularidades e suspeitas de fraudes nas negociações de compra do Banco Master pelo Banco de Brasília (BRB), instituição financeira pública do Distrito Federal. O Master, de Daniel Vercaro, foi liquidado pelo Banco Central em novembro de 2025.

No comunicado, o gabinete afirma que o caso pode ser remetido à primeira instância da Justiça Federal após a conclusão das investigações pela Polícia Federal. Segundo a nota, a medida visa evitar questionamentos sobre “nulidades em razão da não observância do foro por prerrogativa de função ou de violação da ampla defesa”.

A competência do STF para supervisionar as investigações é um ponto de debate em torno do caso. O processo chegou à Corte após a Polícia Federal encontrar menção ao nome de um deputado federal, João Carlos Bacelar (PL-BA), em documentos apreendidos durante as diligências – ele, porém, não é investigado.

Outro ponto que gerou questionamentos foi a decisão de manter o caso sob sigilo máximo. A medida foi adotada dias depois de o ministro ter viajado em um jato particular para ver um jogo de futebol (a final da Libertadores entre Palmeiras e Flamengo, em Lima, no Peru). Na mesma aeronave estava o advogado de um dos diretores do Banco Master que estava sob investigação.

O gabinete afirma que o sigilo já havia sido decretado pelo juiz de primeiro grau e foi mantido no Supremo

com o objetivo de evitar “vazamentos vazamentos que pudessem prejudicar as investigações”.

O ministro também passou a ser alvo de pressões para deixar a relatoria do caso. Entre os fatores citados estão decisões consideradas incomuns, como a determinação para que materiais apreendidos fossem enviados ao STF, em Brasília, antes da realização de perícia pela Polícia Federal.

Também foram publicadas reportagens informando que o cunhado de Vercaro havia adquirido participações em negócios de familiares do ministro, incluindo dois irmãos, em um resort localizado no Paraná. O ministro não se manifestou sobre esse episódio.

O comunicado aponta diversas datas, como o dia em que o ministro foi designado relator da operação Compliance Zero (de combate à emissão de títulos de crédito falsos por instituições do Sistema Financeiro Nacional), o que foi feito por sorteio em 28 de novembro de 2025. Em 3 de dezembro de 2025, após exame preliminar dos autos, foi determinada, em caráter liminar, a remessa do processo ao Supremo.

Em 15 de dezembro de 2025, o relator determinou a realização de “diligências urgentes”, não só “para o sucesso das investigações, mas também como medida de proteção ao Sistema Financeiro Nacional”. Incluindo a oitiva dos principais investigados. Toffoli também tinha se decidido pela oitiva de dirigentes do BC sobre questões relacionadas à atuação do Banco Master.

De acordo com a nota, o inquérito policial corre em sigilo “em razão de diligências ainda em andamento”. Entre os dias 26 e 27 de janeiro de 2026, alguns investigados foram ouvidos pela autoridade policial. A Polícia Federal solicitou prorrogação do prazo de investigação por mais 60 dias, pedido que foi deferido.

Conforme o comunicado, “as investigações continuam a ser realizadas normalmente e de forma regular, sem prejuízo da apuração dos fatos”. **E**

À espera de março

Banco Central mantém taxa de juros em 15% em decisão unânime, mas indica possível corte na Selic na próxima reunião do Copom

Ana Carolina Nunes



Pela quinta reunião seguida, o Copom decidiu manter a Selic a 15% ao ano

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

O Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central (BC) decidiu na quarta-feira, 28, manter a taxa básica de juros e, com isso, a Selic segue a 15% ao ano. Esta é a quinta reunião seguida em que o conselho opta pela manutenção do nível de juros. A decisão foi unânime entre os membros. Mas o comitê sinalizou que pode haver corte na próxima reunião, em março. A razão está na expectativa de inflação mais controlada.

Segundo comunicado, se o cenário por confirmado, o Copom prevê “iniciar a flexibilização da política monetária”. Ele reforçou, porém, “que manterá a restrição adequada para assegurar a convergência da inflação à meta. O compromisso com a meta impõe serenidade quanto ao ritmo e à magnitude do ciclo”. Isso dependerá da evolução de fatores que “permitam maior confiança” para se alcançar o objetivo para a inflação.

A decisão está alinhada à expectativa do mercado, de que a taxa seria mantida. O foco ficou no comunicado do comitê. Por conta de um mercado de trabalho ainda nas mínimas e dados de atividade que tem mostrado uma desaceleração dentro do esperado, uma parte significativa do mercado espera que o Copom se limite a mudanças no comunicado.

A maior parte da divergência entre os analistas ficou com as discussões sobre Selic terminal, podendo ser de 12% a 12,50%. Outro ponto é a magnitude dos cortes, com alguns especialistas esperando que o ciclo comece com 0,25 ponto percentual (p.p.) ao passo que outros miram cinco cortes consecutivos de 0,50 p.p..

De acordo com o Boletim Focus, levantamento semanal feito pelo Banco Central com agentes do mercado, a projeção é de que a Selic chegue ao final de 2026 a 12,5%.

“As expectativas de inflação para 2026 e 2027 apuradas pela pesquisa Focus permanecem em valores acima da meta, situando-se em 4,0% e 3,8%, respectivamente. A projeção de inflação do Copom para o terceiro trimestre de 2027, atual horizonte relevante de política monetária, situa-se em 3,2 % no cenário de referência”, diz o comunicado.

A inflação, medida oficialmente pelo IPCA (Índice de Preços ao Consumidor – Amplo), é um balizador para a taxa de juros. A meta definida pelo CMN (Conselho Monetário Nacional) é de 3%, com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual para mais ou para menos, ou seja, entre 1,5% e 4,5% ao ano.

O economista Pablo Spyer, do conselho da Ancord, afirmou que, ao antecipar a flexibilização, “o Banco Central oferece um forward guidance (orientação futura) claro, mas cuidadosamente condicionado, reforçando que o compromisso com a meta impõe cautela quanto ao ritmo e à magnitude dos cortes”. Para ele, a mensagem é de que o ciclo de aperto terminou, mas o ciclo de afrouxamento será conduzido com serenidade.

Roberto Padovani, economista-chefe do BV, disse que o cenário projetado pelo banco se mantém, de um corte em “ritmo cauteloso” de 0,25 ponto percentual, com a taxa encerrando em 12% este ano. Já Flávio Serrano, economista-chefe do Banco Bmg, projeta um corte de 0,50 ponto percentual na reunião de março, “mesmo o Copom indicando uma maior cautela em relação ao possível ritmo de ajuste”.

Juros nos EUA

Também na quarta-feira, 28, o Federal Reserve (Fed), o banco central dos EUA, decidiu pela manutenção da taxa de juros, que segue na faixa de 3,75% a 4,00%. A decisão não foi unânime. Dos 12 membros do Fomc (equivalente ao Copom), dez votaram pela manutenção, incluindo o presidente Jerome Powell. Outros dois membros votaram pela redução de 0,25 ponto percentual na taxa.

A manutenção dos juros por lá foi em linha com a expectativa do mercado. Apesar da pressão do presidente Donald Trump pela queda da taxa de juros, 97% do mercado acreditavam na manutenção da faixa. **E**



A FGV analisou quase cinco décadas de transformações na distribuição de renda no país

FREEPICK

Rico, pobre ou classe média?

Estudo da FGV Social define faixas de renda para cada estrato social e mostra que classes A, B e C somam 78% da população brasileira

Saber em qual classe econômica uma pessoa se encaixa é uma dúvida comum no Brasil. As metodologias usadas para definir essas categorias variam, já que diferentes correntes acadêmicas defendem recortes distintos. Enquanto alguns pesquisadores preferem dividir a população em grandes grupos e observar a renda média de cada um, outros apostam na segmentação por faixas de renda. Essa escolha não é apenas técnica: ela orienta debates sobre consumo, políticas públicas, mercado de trabalho e até conversas do dia a dia.

Foi a partir dessa discussão que a FGV Social apresentou recentemente um novo retrato da estrutura social brasileira. No estudo “Evolução das Classes Econômicas Brasileiras: 1976 a 2024”, coordenado pelo economista Marcelo Neri, a instituição analisou quase cinco décadas de transformações na distribuição de renda no país. O levantamento se

baseia na renda domiciliar per capita — convertida depois em renda domiciliar total — para entender como a população se distribui entre as classes A, B, C, D e E ao longo do tempo.

O ponto de partida da metodologia é a renda por pessoa dentro do domicílio, justamente para evitar distorções provocadas pelo tamanho das famílias, que diminuiu de forma consistente nas últimas décadas. Para facilitar a leitura dos dados pelo público, a FGV converte esse valor em renda domiciliar total, usando o tamanho médio dos domicílios brasileiros. Todos os números são corrigidos pelo IPCA e expressos em reais a preços médios de 2023, o que permite comparações históricas e a observação de movimentos de mobilidade econômica.

Com esse critério, o estudo estabeleceu os limites de renda mensal por domicílio. No caso da classe C, ele se situa entre R\$ 10.885 e R\$ 14.191, enquanto a classe A fica acima de R\$

14.191. A FGV ressalta que esses valores funcionam como referência estatística. Não levam em conta patrimônio acumulado, como imóveis, nem diferenças no custo de vida entre cidades e regiões — confira a tabela de todas as classes no quadro abaixo.

Dados recentes mostram que, em 2024, a maior parte dos brasileiros estava concentrada na classe C, que reunia cerca de 60,9% da população. As classes A e B, somadas, representavam pouco mais de 17%, enquanto as classes D e E respondiam juntas por 21,8% — o menor patamar desde o início da série histórica, em 1976. O resultado indica uma mudança relevante na distribuição de renda ao longo do tempo.

O estudo também trabalha com o conceito de “classe média ampliada”, que reúne as classes A, B e C. Em 2024, esse grupo passou a representar 78,1% da população brasileira. Entre 2022 e 2024, cerca de 17,4 milhões de pessoas migraram para esse segmento. Segundo Neri, a participação das classes A, B, C e da combinação ABC atingiu, no último ano, os níveis mais altos de toda a série histórica, refletindo a evolução da renda do trabalho captada pela PNAD Contínua e um ritmo de expansão mais acelerado do que em ciclos anteriores, como o observado entre 2003 e 2014. **E**

Quanto é preciso ganhar para estar em cada classe

Os limites de renda domiciliar total que definem cada classe econômica no Brasil (em reais)

A	Acima de	14.191
B	Entre	10.885 e 14.191
C	Entre	2.525 e 10.885
D	Entre	1.580 e 2.525
E	Até	1.580



Dodge Charger seria apenas elétrico a partir de 2023, mas em 2025 retomou modelos a gasolina; foi eleito carro do ano

DIVULGAÇÃO

Pisada no freio

Referência da indústria automotiva dos EUA, o Salão de Detroit apresentou pouquíssimas novidades elétricas, e muitas com motores a combustão

Lucca Mendonça

Ao longo de 12 dias, o Salão de Detroit 2026 deixou claro, já nos primeiros passos pelos pavilhões, que algo havia mudado. Depois de anos em que os carros elétricos dominaram discursos, estandes e anúncios, a edição deste ano foi marcada por uma presença bem mais discreta dos modelos 100% elétricos. Em contrapartida, modelos de grande porte e motores a combustão voltaram a ocupar o centro do palco.

A ausência de grandes lançamentos elétricos no evento, encerrado no domingo, 25, não foi um acaso nem uma simples escolha estética das montadoras. O movimento reflete uma leitura mais cautelosa do mercado norte-americano, que entrou em 2026 com sinais claros de desaceleração na demanda por veículos elétricos. O crescimento registrado em 2025 em relação a 2024 foi de apenas 1%, número bem abaixo do observado em anos anteriores. Enquanto isso, marcas locais também sentiram o impacto: a Tesla, por exemplo, teve retração de 8,5% nas vendas globais.

Parte desse freio está diretamente relacionada a mudanças no ambiente político e econômico dos Estados Unidos. Incentivos federais que garantiam subsídios de até US\$ 7.500 para a compra de carros elétricos foram reduzidos ou deixaram de existir, tornando esses modelos menos competitivos em termos de preço. O impacto foi imediato tanto para o consumidor quanto para as estratégias das fabricantes, que passaram a rever cronogramas, volumes e investimentos.

Montadoras tradicionais como Ford e General Motors chegaram ao Salão em fase de ajustes internos. Após investimentos bilionários em programas de eletrificação, que não entregaram o retorno esperado no curto prazo, as empresas adotaram um discurso mais pragmático. A eletrificação segue nos planos, mas sem o mesmo tom de urgência visto em anos anteriores. O foco agora é equilibrar portfólio, custos e rentabilidade.

Alguns exemplos ajudam a ilustrar essa mudança de estratégia. A Ford F-150 Lightning deixou de ser oferecida em versão puramente elétrica,

abrindo espaço para uma configuração de autonomia estendida, com motor a combustão atuando como gerador. Outro caso é o do Dodge Charger, cupê esportivo que havia aposentado os motores a combustão em 2023 para adotar apenas versões elétricas, mas que voltou atrás em 2025, retomando também opções a gasolina. A decisão foi bem recebida pelo mercado e rendeu ao modelo o prêmio de carro do ano de 2026 em uma premiação ligada ao próprio Salão de Detroit, uma referência da indústria automotiva nos Estados Unidos.

Essa tendência ficou evidente nos pavilhões. Em vez de elétricos ocupando posições centrais, o evento foi dominado por SUVs robustos e esportivos movidos a combustão. O cenário reflete de forma direta o gosto do consumidor americano e aquilo que ainda sustenta o caixa das montadoras no mercado local.

Nos planos futuros apresentados no Salão, apenas dois elétricos chamaram atenção: o Corvette elétrico, batizado de CX, e o Cadillac Elevated Velocity, um crossover. Ambos aparecem ainda na forma de conceitos, sem datas nem previsões de chegada ao mercado. As demais novidades anunciadas incluem algum tipo de motor a combustão, seja como propulsor principal ou como apoio.

O Salão de Detroit 2026, portanto, não representa o fim da eletrificação, mas indica uma mudança temporária de rota. A indústria parece reconhecer que a transição energética não acontece de forma linear e que o mercado norte-americano impõe ritmos, prioridades e limitações próprias. **E**



O enfermeiro Alex Pretti foi morto a tiros por agentes federais; o caso provocou massivos protestos

VIDEO OBTAINED BY REUTERS

Agentes da violência

Mortes em Minneapolis por forças policiais do Serviço de Imigração e Alfândega, o ICE, e a detenção de um menino de cinco anos levam a população às ruas e Trump promete “desescalar” ofensiva anti-imigrantes na cidade

Enfermeiro de UTI vinculado ao Departamento de Assuntos de Veteranos dos Estados Unidos, responsável pelo cuidado de ex-militares, Alex Pretti, 37 anos e morador de Minnesota, estava incomodado com as ações truculentas do Serviço de Imigração e Alfândega (ICE, na sigla em inglês) na região. Após a morte da poeta e ativista Renee Good, no dia 7 de janeiro, vitimada a tiros pelos agentes do ICE, em sua cidade, ele passou a se envolver em protestos.

Seu pai, Michael Pretti, relatou que o filho se sentia horrorizado com as táticas do órgão, que teve seu orçamento triplicado no segundo mandato de Donald Trump. Alex “achava terrível sequestrar crianças, simplesmente pe-

gar as pessoas no meio da rua”, contou. No sábado, 24, o enfermeiro aderiu a mais um protesto. Em cenas captadas por smartphones – e que viralizaram nas redes sociais –, ele aparece envolvido por um grupo de policiais da chamada Patrulha da Fronteira, a CBP, que reforça as ações do ICE. Pretti registrava com seu celular uma confusão entre os agentes e outras duas pessoas. Ele é empurrado. Recebe jatos de spray de pimenta. Cai no chão e tenta resistir aos policiais. No meio do confronto, dois agentes federais dispararam suas armas, matando Pretti.

A tragédia mobilizou multidões nas ruas, que já se alastravam por todo o estado do Minnesota e outras regiões. Personalidades do cinema e da TV,

entre eles o ator Mark Ruffalo, e lideranças políticas, como a democrata Kamala Harris, se juntaram aos protestos, publicando posts nas redes sociais com críticas. O governo Trump, porém, não demonstrava que iria ceder às críticas à brutalidade do ICE em suas ações para supostamente capturar imigrantes ilegais. Renee Good e Alex Pretti eram cidadãos norte-americanos. Foram mortos ao se posicionarem contra o ICE.

O governo tentou se justificar, alegando que os agentes se defendiam. De acordo com um relatório prévio do Departamento de Segurança Interna (DSI), publicado pela imprensa na terça-feira, 27, um agente gritou, repetidas vezes, que o enfermeiro estava armado, conforme o texto. Aproximadamente cinco segundos depois, um agente da CBP disparou sua pistola Glock 19, e outro acionou uma Glock 47, ambas fornecidas pela Patrulha de Fronteira (portanto, não pertenciam a Pretti, como o DSI sugeriu). O documento, porém, não especifica se eles atingiram Pretti, nem quantos tiros foram dados. Também não menciona se Pretti estava armado, como tinha dito a secretária do DSI, Kristi Noem.

O relatório foi alvo de mais críticas. A família de Pretti classificou as declarações do governo como “mentiras doentias e repugnantes”. Em comuni-

cado distribuído para a imprensa, eles dizem que Alex “claramente não está segurando uma arma quando é atacado pelos capangas assassinos e covardes do ICE. Ele está com o celular na mão direita e a mão esquerda vazia erguida enquanto tenta proteger uma mulher que o ICE acabou de empurrar”.

Com a repercussão em torno das duas mortes e de outras ações dos agentes, como a captura de um menino de cinco anos no dia 20 – o pequeno equatoriano Liam Conejo Ramos, que usava um gorro azul de coelho, foi detido e usado como “isca” para que outras pessoas de sua família fossem presas –, a administração Trump detectou que era preciso fazer algo. Ainda mais quando os líderes da operação em Minneapolis, como Gregory Bovino, da CBP, demonstram absoluto descaso com a opinião pública. Três dias depois, ele defendeu o tratamento que seus agentes deram à captura do menino. “Devo dizer, de forma inequívoca, que somos especialistas em lidar com crianças”, disse a jornalistas.

O recuo

A pressão popular levou Trump a adotar um tom conciliatório. O presidente pediu uma “investigação honrosa e honesta” sobre a morte de Pretti e sugeriu que “diminuiria um pouco” a repressão à imigração em Minneapolis. Ele usou a expressão “desescalar”, sem especificar exatamente como isso se daria.

Stephen Miller, vice-chefe de gabinete da Casa Branca e um dos líderes

da política de imigração do governo, afirmou à AFP na terça-feira, 27, que os agentes podem ter violado o “protocolo” antes do tiroteio. A Casa Branca disse posteriormente que Miller estava se referindo à “orientação geral” para as forças que operam na cidade, não ao caso de Pretti.

Em resposta à ofensiva do governo, senadores democratas planejam condicionar uma votação sobre legislação orçamentária a exigências por mudanças no ICE, o que pode provocar uma paralisação parcial do governo a partir deste fim da semana – uma votação parcial poderia acontecer na quinta-feira, 29. Chuck Schumer, líder democrata no Senado e representante de Nova York, declarou: “Essa loucura, esse terror precisa parar”.

Os democratas se reuniram na quarta-feira, 28, para discutir possíveis exigências, como obrigar os agentes a terem mandados e se identificarem antes de prisões de imigrantes, e prometeram bloquear o projeto de lei orçamentária em resposta à violência.

Também na quarta, um juiz federal, John Tunheim, bloqueou temporariamente uma medida que autorizava o governo a deter refugiados em Minnesota (são quase 5.600 pessoas) que aguardam para obter o status de residentes permanentes, e ordenou a libertação dos detidos. Segundo a decisão judicial, o presidente pode aplicar as leis de imigração e revisar a situação dos refugiados, porém deverá fazê-lo sem prender ou detê-los. **E**

Por que Minneapolis virou o epicentro da ofensiva do ICE?

O intenso foco do Serviço de Imigração e Alfândega (ICE) em Minnesota – em janeiro, a cidade recebeu cerca de 3.000 agentes federais – não ocorre de forma isolada, mas no contexto de uma operação executada pelo Departamento de Segurança Interna (DSI), com milhares de prisões e direcionamento de tropas ao local. Especialistas e políticos veem nesse padrão não apenas uma resposta à imigração irregular, mas uma estratégia que pressiona e penaliza governadores e prefeitos democratas – que é o caso da cidade e do Estado, Minnesota.

Para a cientista política Gisele Agnelli, autora do livro “Autocracia Made in USA”, Trump tem uma fixação por Minnesota que não pode ser dissociada de uma carta enviada pela procuradora-geral Pam Bondi às autoridades locais. Nela, o governo federal oferece retirada do ICE caso o estado aceite exigências como compartilhar dados de programas sociais e permitir acesso do Departamento de Justiça aos registros de eleitores. “Trump nunca escondeu sua obsessão com eleições”, diz.

Ela pondera que Minnesota é politicamente resistente ao trumpismo. Vale lembrar que foi lá, há seis anos, que George Floyd foi asfixiado e assassinado por um policial.

O professor de relações internacionais da ESPM Roberto Uebel afirma que há uma “narrativa política mais agressiva por parte de Trump em estados e cidades que são controladas por democratas”, ancorada na tentativa de vincular os democratas à imigração irregular. Para ele, as eleições de meio de mandato (midterm) – que definem a composição do Congresso estadunidense e acontecem em novembro – também se mostram como um fator de peso diante da questão da imigração, uma das mais caras aos republicanos.

Júlia Bleichevel e Luma Venâncio

O pequeno Liam, de cinco anos, foi detido e usado como “isca” para que o ICE prendesse mais pessoas



O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Canadá

Parque temático recebe aval para vender 30 belugas aos EUA

O governo canadense concedeu na segunda-feira, 26, aprovação condicional para que o parque temático Marineland, fechado desde 2024, venda suas 30 belugas remanescentes a parques dos EUA. A decisão veio após a rejeição, no ano passado, da tentativa de transferência dos animais para a China, sob o argumento de que isso perpetuaria a exploração dos mamíferos. Localizado perto das Cataratas do Niágara, o Marineland alegou dificuldades financeiras e chegou a ameaçar sacrificar os animais por falta de recursos. Desde 2019, ao menos 19 belugas morreram no local. O Canadá proibiu o cativeiro de baleias e golfinhos em 2019, mas permite exceções para realocação.

Honduras

Presidente conservador assume de olho no governo Trump

Nasry Asfura tomou posse na terça-feira, 27, como presidente de Honduras, marcando o fim de quatro anos de governo de esquerda e sinalizando uma política externa mais alinhada aos Estados Unidos. Com apoio de Donald Trump, o novo mandatário prioriza acordos comerciais e cooperação em segurança, o que pode redefinir a relação com a China, estabelecida em 2023. Asfura afirmou que revisará compromissos firmados com Pequim e não descarta retomar vínculos com Taiwan. Em um país onde a pobreza atinge 60% da população, o presidente também busca preservar remessas de migrantes e apoio dos EUA no combate ao narcotráfico e às gangues.

França

País discute veto a plataformas sociais para jovens com menos de 15 anos

A França analisa proibir o uso de redes sociais por menores de 15 anos, em projeto debatido no parlamento nesta segunda-feira, 26. A proposta, apresentada pelo partido do presidente Emmanuel Macron, prevê que a restrição entre em vigor em setembro para novas contas e, até o fim do ano, para perfis já existentes. O governo afirma que a medida busca proteger a saúde mental de adolescentes e reduzir casos de assédio online, seguindo o exemplo da Austrália. O texto também inclui a proibição de celulares nos colégios. A iniciativa tem apoio da base governista, mas enfrenta críticas de setores da esquerda, que apontam risco de excesso de controle estatal.

Coreia do Sul

País põe em vigor lei pioneira para regular a IA

A Coreia do Sul tornou-se, no dia 22, o primeiro país a colocar plenamente em vigor uma legislação específica para regular o uso da inteligência artificial. A chamada Lei Básica de IA obriga empresas a informar quando utilizam a IA generativa e a rotular conteúdos como deepfakes, além de impor regras de transparência em áreas sensíveis como saúde, educação e crédito. A norma prevê multas de até 30 milhões de won em caso de infração. O governo afirma que a lei busca garantir segurança e confiança sem frear a inovação, enquanto amplia investimentos para posicionar o país entre as principais potências globais nessa tecnologia.

Mianmar

Partido ligado aos militares declara vitória eleitoral

O principal partido pró-militar de Mianmar afirmou, na segunda-feira, 26, ter conquistado a maioria nas eleições organizadas pela junta que governa o país desde o golpe de 2021. Segundo um dirigente do Partido União, Solidariedade e Desenvolvimento, o grupo já estaria em condições de formar novo governo, embora os resultados finais ainda não tenham sido divulgados. Observadores e analistas apontam que o processo manteve o controle do Exército, já que partidos ligados à ex-líder Aung San Suu Kyi foram excluídos e não houve votação em áreas dominadas por rebeldes. A nova composição do parlamento deverá escolher o presidente em março.

Austrália

Redes sociais barram 4,7 milhões de contas de menores

As plataformas sociais na Austrália bloquearam 4,7 milhões de contas de menores de 16 anos após a entrada em vigor, em 10 de dezembro, da lei que proíbe crianças e adolescentes de criar perfis. O balanço foi divulgado no dia 16 pelo órgão de segurança eletrônica do país, que citou ações de companhias como Meta, TikTok e YouTube. Os dados iniciais indicam resposta relevante das empresas às novas regras. A legislação prevê multas de até US\$ 33 milhões para quem não adotar "medidas razoáveis" de verificação de idade, enquanto o regulador avalia se o cumprimento será efetivo no longo prazo.

Nvidia no olho do furacão

Escritores processam e acusam gigante da tecnologia de utilizar bibliotecas de livros pirateados para treinar modelos de IA

Alessandro Martins

Até onde vão os limites da ética pelo avanço tecnológico? Uma das maiores empresas do setor decidiu que essas barreiras seriam postas à prova em um caso que ganhou os holofotes internacionais na semana passada. Isso por que a Nvidia, gigante da tecnologia com base em Santa Clara, na Califórnia, sofreu uma ação coletiva por parte de escritores que alegam que a companhia obteve cópias não autorizadas de suas obras via “bibliotecas fantasmas”, ou, no português claro,

cópias pirateadas, para treinar modelos de Inteligência Artificial (IA).

Contando com figuras como o iraniano Abdi Nazemian, autor do livro “Tipo uma história de amor”, o processo em si não é a principal novidade, já que, desde 2024, autores acusavam a corporação de usar uma polêmica coleção de dados chamada Books3 para treinar Grandes Modelos de Linguagem (LLMs).

Coleções de dados, ou datasets, são exatamente o que o nome diz: grandes

quantidades de informações estruturadas para uma determinada finalidade. No caso do treinamento de modelos de IA, centenas de milhares de textos são reunidos em uma coleção que vira referência para o chatbot “cuspir” um conteúdo solicitado pelo usuário. Nessa situação em específico, o que vem é um texto moldado por meio dessa grande variedade de livros pirateados.

Em 2025, porém, novas provas colocaram a companhia americana em maus lençóis. Elas apontam que a Nvidia, empresa fundada e liderada por Jensen Huang, não só utilizou conscientemente o conteúdo não autorizado, como estava disposta a pagar por outras coleções repletas de arquivos ilegais.

Segundo capturas de tela anexadas ao processo, administradores do site Anna’s Archive, que contava com mais



NVIDIA

Fundada e liderada por Jensen Huang, a gigante tecnológica é acusada de tentar negociar uma coleção de ao menos 500 terabytes em livros





Administradores do site Anna's Archive, com mais de 60 milhões de obras literárias pirateadas, foram procurados por representantes da Nvidia

IMAGEM GERADA POR IA

de 60 milhões de obras literárias pirateadas em diversos idiomas, foram procurados por representantes da gigante da tecnologia para negociar a aquisição de uma coleção de pelo menos 500 terabytes em livros.

Para se ter ideia da dimensão do repositório, esse número equivale ao tamanho de 20 mil instalações do Windows em um computador tradicional.

“Sou do time de estratégia de dados da Nvidia e estamos explorando o uso dos seus arquivos para treinar nossa LLM. Estamos decidindo internamente se o uso desses dados vale o risco”, afirmou o funcionário não identificado.

O próprio site se encarregou de alertar a Nvidia de que os dados eram ilegais, mas poucos dias depois os administradores receberam um “sinal verde” por parte da corporação, para selar a negociação.

A denúncia não menciona valores exatos ou se a transação foi realmente concluída.

A nova abordagem para adquirir os arquivos diretamente visava agilizar o processo de treinamento dos modelos,

já que antes os funcionários precisavam criar scripts, “programas” que automatizam o download diretamente dos sites, o que gerava reclamações por conta da demora.

Registros internos anexados ao processo mostram que a insatisfação vinha de cima e que a empresa demandava “hiperfoco” de seus colaboradores para finalizar o treinamento do modelo “Next Large LLM”, que seria apresentado em um evento de desenvolvedores.

“Nos Estados Unidos, a conduta de adquirir ou utilizar conscientemente livros pirateados já viola diretamente a Lei de Direitos Autorais. No treinamento de IAs, onde pressupõe-se a cópia e o armazenamento das obras, os direitos exclusivos de reprodução e distribuição também são violados”, explica Rodrigo Calabria, sócio da CCLA Advogados e especialista em direito digital e autoral.

Por conta disso, a Nvidia pode responder por outros dois tipos de violação, quando há ciência da ilicitude e se beneficia economicamente do ato.

O “uso justo” (ou fair use em inglês) alegado pela empresa um ano an-

tes, não vai colar. “A defesa de fair use é complexa, porque a princípio não se aplica quando a origem do conteúdo é sabidamente ilegal, e eventuais acessos para contornar restrições técnicas podem caracterizar violação”, completa.

Com as novas provas, os autores solicitaram compensação financeira, visando cobrir tanto os prejuízos sofridos pelos escritores quanto os ganhos obtidos indevidamente pela companhia. Os responsáveis pela ação também demandam a destruição dos modelos treinados com o uso desses dados e ressarcimento dos custos processuais.

Dias antes da divulgação das mensagens, o site Anna's Archive e seus diversos domínios foram tirados do ar, em uma ação anti-pirataria que pode, ou não, estar relacionada às novas denúncias. O caso segue em curso no Tribunal Distrital do Norte da Califórnia. 

O que são bibliotecas fantasmas

Chamadas em inglês de shadow libraries, as bibliotecas fantasmas surgiram no fim dos anos 1990 e se consolidaram nos anos 2000, acompanhando a digitalização de acervos e a expansão da internet de banda larga. De fato, são repositórios digitais não oficiais que disponibilizam livros, artigos acadêmicos e outros conteúdos protegidos por direitos autorais sem autorização dos detentores legais. Elas surgem, em geral, como resposta a barreiras de acesso (desde preço até paywalls) e operam à margem dos sistemas formais de publicação.

No final de 1990 aconteceram as primeiras trocas informais de livros e artigos digitalizados em listas de e-mail e via BBS. O alcance era bastante restrito. No início dos anos 2000, nascem os primeiros repositórios estruturados e colaborativos. Em 2011, nasce o Sci-Hub, que automatiza o acesso a artigos científicos atrás de paywalls. A partir daí, o conceito de shadow library ganha escala global e visibilidade pública.

Ana Paula passou por duas cirurgias; na segunda, a base da coluna foi parafusada e veio o alívio



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Uma década de dores

A jornalista e apresentadora Ana Paula Padrão conta que levou muito tempo com problemas no nervo ciático, até que fez uma cirurgia; ortopedista explica quando o procedimento se torna necessário

Letícia Sena

A jornalista e apresentadora Ana Paula Padrão, de 60 anos, chamou atenção nas redes sociais ao revelar que conviveu por cerca de dez anos com dores intensas no nervo ciático. A lembrança surgiu durante a participação na chamada “trend dos 10 anos”, em que revisitou imagens de 2016, ano em que passou por uma cirurgia de fixação da coluna e, segundo ela, deixou de sentir dor.

Em vídeo publicado nas redes sociais, Ana Paula contou que já havia passado por uma cirurgia anterior, em 2012, na região lombar, envolvendo as

vértebras L4 e L5. O procedimento, descrito por ela como uma “limpeza”, não trouxe alívio definitivo. “Essa cirurgia não adiantou muito, foi só uma limpeza e voltou tudo. Em 2016, eu parafusei a base da coluna e foi o ano em que parei de sentir dor”, afirmou.

A médica ortopedista Ingrid de Araújo e Silva, do Hospital Mater Dei Goiânia, explicou que dores crônicas no nervo ciático costumam estar associadas a compressões persistentes da estrutura nervosa. “As dores geralmente são causadas por hérnia de disco, artrose da coluna, estenose do canal

vertebral ou instabilidade vertebral. Quando a compressão não é completamente resolvida, ocorre uma irritação contínua do nervo, o que pode levar à cronificação da dor, com alterações inflamatórias e neurológicas que se mantêm por anos”, disse.

Segundo Ingrid, quadros prolongados de dor no ciático não são incomuns quando o fator compressivo permanece ativo. “Mesmo após algum alívio inicial, a compressão residual pode manter o nervo inflamado, fazendo com que o paciente continue sentindo dor por longos períodos”, explicou. A médica destacou que a região entre as vértebras L4 e L5, as apontadas por Ana Paula, é particularmente vulnerável, devido à sobrecarga mecânica sofrida ao longo da vida. “Postura inadequada, sedentarismo, envelhecimento, excesso de peso e movimentos repetitivos aceleram o desgaste do disco e das articulações, tornando essa área especialmente suscetível à compressão do nervo ciático”, afirmou.

Ana Paula também mencionou que 2016 foi um ano marcante profissionalmente, com a consolidação do MasterChef Brasil, programa que apresentava na época. Para ela, o período de recuperação da cirurgia se associou a um momento de alta visibilidade na carreira.

A ortopedista ainda explicou a diferença entre os tipos de cirurgia lombar. “A cirurgia de ‘limpeza’ é menos invasiva e indicada quando há compressão localizada do nervo, sem instabilidade da coluna. Já a fixação da coluna com parafusos é indicada quando existe instabilidade vertebral, degeneração avançada ou falha de cirurgias prévias. O objetivo é estabilizá-la e evitar novas compressões do nervo”, ressaltou.

Ingrid reforçou que sinais como persistência ou piora da dor, irradiação para a perna, perda de força, formigamento progressivo ou limitação funcional podem indicar a necessidade de nova avaliação médica. Além disso, a recuperação após fixação exige reabilitação estruturada, fortalecimento muscular, controle do peso e correção postural. “É essencial respeitar o tempo biológico de cicatrização e seguir as orientações médicas para reduzir o risco de retorno da dor”, salientou. **E**

No Planalto Antártico foi construída uma caverna para abrigar amostras de geleiras ameaçadas pelo aquecimento da Terra



GAETANO MASSIMO MACRI

A memória do gelo

Cientistas europeus inauguram na Antártida santuário mundial de geleiras, com “biblioteca” construída sob a neve

Sob uma densa camada de neve, em uma caverna de 35 metros de comprimento e cinco metros de altura e de largura, escavada por máquinas, está um santuário criado para preservar a memória do planeta condensada na forma de gelo. Esse é o propósito do Ice Memory, inaugurado há cerca de 15 dias nas proximidades da Estação Concorórdia, uma base franco-italiana instalada no coração do Planalto Antártico. O espaço reúne amostras de geleiras, de variados cantos do mundo, ameaçadas pelo aquecimento.

Esse inusitado arquivo, com temperatura mantida em -52°C , é composto

por cilindros de gelo que são registros físicos fundamentais sobre a história climática da Terra, guardando informações que vão de poluentes a gases presentes na atmosfera.

São testemunhas de um período no passado do planeta organizadas em prateleiras que se estendem na caverna aberta na Antártida e que podem ser protegidas por décadas, séculos.

A preservação da história de geleiras famosos é foco do projeto, lançado em 2015 pelo Conselho Nacional de Pesquisa da Itália e pela Universidade Ca' Foscari de Veneza, junto com o Conselho Nacional de Pesquisa Cientí-

fica e do Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento, da França, e da Universidade Grenoble-Alpes e do Instituto Paul Scherrer, da Suíça. Trata-se de uma missão que exige uma complexa logística para ser cumprida.

O armazenamento dos primeiros “núcleos patrimoniais de gelo” no novo espaço demonstra isso. Após uma viagem de mais de 50 dias a bordo de um navio de pesquisa, um quebra-gelo, iniciada em Trieste (Itália), duas amostras provenientes de geleiras alpinas chegaram com sucesso à Estação Concorórdia. Os cilindros foram extraídos do Mont Blanc (Col du Dôme, França) e do Grand Combin (Suíça) e partiram, em meados de outubro, rumo a seu destino final.

Operado pelo Instituto Nacional de Oceanografia e Geofísica Aplicada (OGS), o carregamento (1,7 tonelada de gelo) foi mantido a uma temperatura constante de -20°C (condição essencial para preservar a integridade das amostras) ao longo do trajeto. As amostras atravessaram o Mediterrâneo, o



RICCARDO SELVATICO

Cilindros de gelo retirados dos Alpes estão armazenados no Ice Memory

Atlântico, o Pacífico, depois o Oceano Austral e o Mar de Ross, na Antártida, antes de chegarem à Estação Mario Zucchelli em 7 de dezembro de 2025.

De lá, um voo especial — viabilizado pela Agência Nacional Italiana para Novas Tecnologias, Energia e Desenvolvimento Econômico Sustentável — transportou os testemunhos pelo interior do continente gelado até a Estação Concordia. A aeronave operou sem aquecimento no compartimento de carga, garantindo a manutenção da temperatura necessária, os 20 °C negativos.

Dezenas de outros núcleos patrimoniais de gelo, extraídos de regiões como Andes (montanha Illimani, na Bolívia), Cáucaso (Elbrus, na Rússia) e Svalbard (Holtedahlfonna, na Noruega), vão se juntar a esses dois primeiros, em um trabalho planejado para os próximos anos. A intenção é ter amostras de 20 geleiras em 20 anos.

O santuário

O Ice Memory foi escavado inteiramente nas camadas compactas de neve. Do chão até a superfície, a profundidade totaliza nove metros. Sua construção também foi desafiadora. Diversos testes foram realizados para garantir a maior vida útil possível ao santuário, minimizando o impacto ambiental do processo.

A estrutura não exigiu materiais de construção, fundações ou refrigeração mecânica. Sua estabilidade é garantida pelas temperaturas extremas e naturalmente constantes da Antártida, próximas de -52 °C. O acondicionamento

dos núcleos assegura proteção contra variações ambientais e contaminação.

A avaliação ambiental dessa caverna de gelo natural recebeu em 2024 aprovação do Sistema do Tratado da Antártida em 2024, tornando o santuário uma das instalações científicas de conservação mais inovadoras e remotas já construídas na Antártida. O projeto foi financiado pela Fundação Príncipe Albert II de Mônaco, parceira histórica da Ice Memory Foundation. Com esse apoio fundamental, o príncipe Albert II de Mônaco tornou-se presidente honorário da Fundação Ice Memory.

Derretimento

As geleiras de montanha estão recuando a uma velocidade sem precedentes. Desde 2000, elas perderam entre 2% e 39% de seu gelo em nível regional e cerca de 5% globalmente, ameaçando apagar séculos — e em alguns casos milênios — de informações científicas insubstituíveis.

Por décadas, a ciência dos núcleos patrimoniais de gelo contribuiu de forma decisiva para a formulação de políticas públicas, especialmente por meio do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas).

Em resposta ao derretimento irreversível das geleiras do mundo, a Fundação Ice Memory vem identificando geleiras ameaçadas de extinção e locais estratégicos, tendo coordenado, implementado ou apoiado dez perfurações de testemunhos de gelo em todo o mundo desde 2015, envolvendo equipes

científicas de mais de 13 países. Nos próximos dez anos — período designado como Década de Ação da ONU para as Ciências da Criosfera —, será estabelecido um sistema internacional de governança para garantir que essas amostras permaneçam acessíveis como um legado comum e duradouro para a humanidade.

Essa governança, segundo as diretrizes do projeto, deverá assegurar acesso transparente aos arquivos, com base em critérios científicos, o que deve ser feito de forma ética e equitativa.

“Para que esses testemunhos sirvam à ciência daqui a um século, eles precisam ser tratados como um bem comum global. A criação desse modelo de governança seria uma grande conquista”, declarou Thomas Stocker, da Universidade de Berna e presidente da Fundação Ice Memory.

Os cientistas do projeto fizeram um apelo urgente para a expansão do arquivo. O grupo pediu apoio para novas campanhas de perfuração em regiões ameaçadas, com o objetivo de ampliar, a longo prazo, o acervo global de gelo. “Somos a última geração que pode agir. Preservar esses arquivos de geleiras é uma responsabilidade de todos, não apenas científica”, afirmou Anne-Catherine Ohlmann, diretora do Ice Memory. Ao garantir a conservação desse valioso material, o projeto possibilita que futuras gerações de pesquisadores estudem as condições climáticas do passado com tecnologias do futuro, que hoje podem nem existir. **E**

"Não existe corpo perfeito"

A atriz e humorista Cacau Protásio desfila pela primeira vez na Portela e celebra representatividade no Carnaval

Thaís Fonseca

Cacau Protásio: "Sou sambista antes mesmo de aprender a escrever e a ler"



DIVULGAÇÃO

Cacau Protásio, 50 anos, é uma apaixonada por Carnaval desde criança e já é veterana no sambódromo carioca. Após ter representado outras agremiações, a atriz vai, neste ano, defender a Portela, escola de samba da zona norte do Rio de Janeiro, pela primeira vez na Marquês de Sapucaí.

No primeiro ensaio de rua da Azul de Branco de Madureira, ela celebrou a representatividade no Carnaval, levantando a bandeira da diversidade de corpos, idades e histórias dentro do samba. Para ela, ser musa vai muito além de padrões estéticos. "A mulher brasileira é bonita na sua essência. Não existe corpo perfeito, não existe idade certa para estar no samba.

O que existe é vontade, garra, tesão pelo que se faz, respeito à comunidade, amor pelo samba e reverência à ancestralidade. É isso que nos move", declarou.

A atriz contou que o convite para estrear na Portela veio do amigo Dayvison Gomes, influenciador e embaixador do Carnaval do Rio. "Fui recebida com muito carinho na quadra e no primeiro ensaio de rua eu chorei bastante, estava profundamente emocionada", disse. Ela revelou que pensou que não iria entrar na avenida em 2026 após deixar o posto de musa do Salgueiro, e de já ter desfilado pela União da Ilha do Governador, ambas da zona norte carioca.

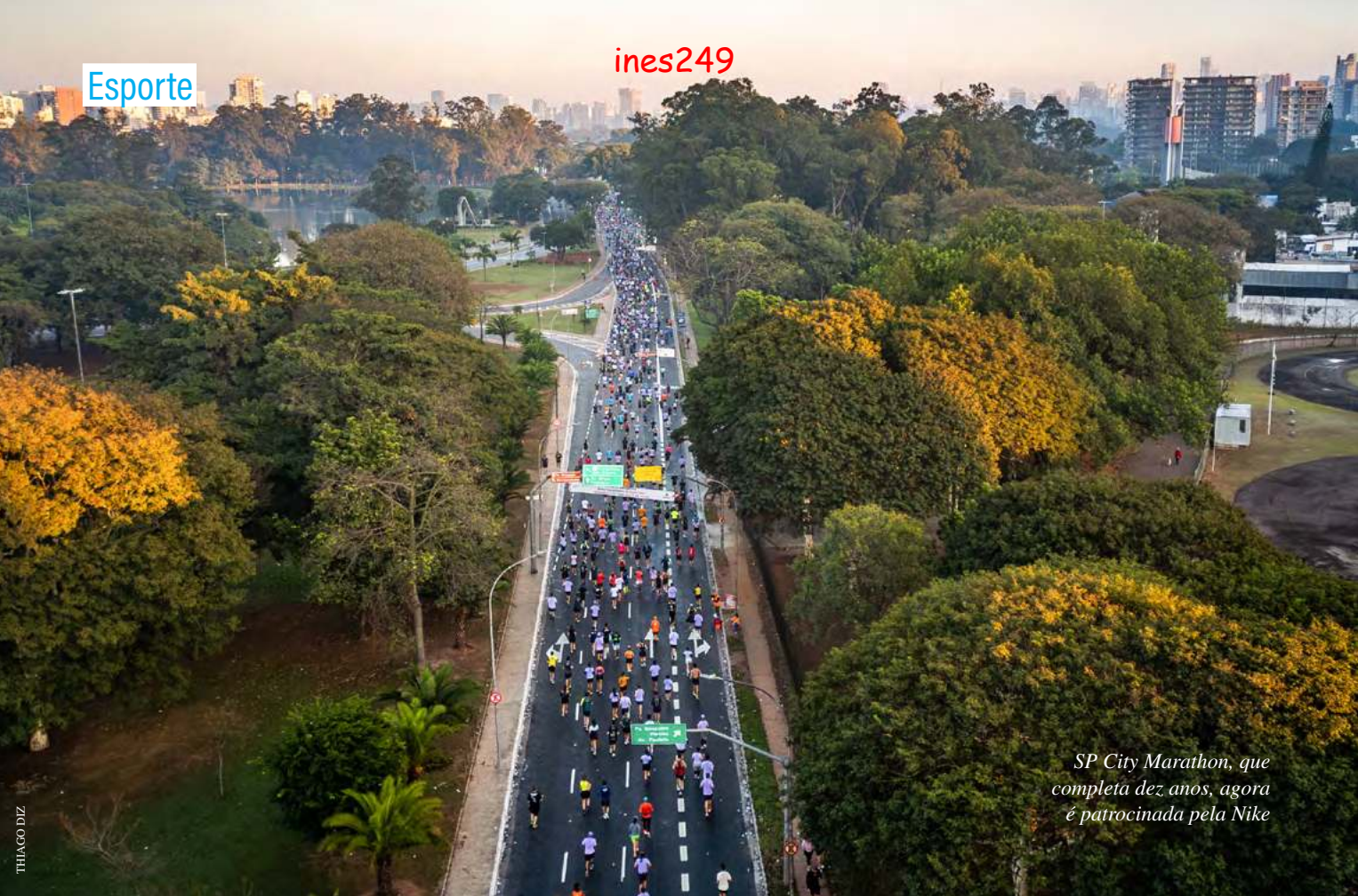
Durante o ensaio, Cacau interagiu com integrantes da comunidade e esteve próxima de outras musas da escola, como a cantora Marvvila, Amanda Oliveira, Ingrid Black e Deiseane de Jesus. "A Portela representa muito do que eu acredito. Aqui, a comunidade é protagonista. Ver passistas sendo colocadas

como musas, ocupando lugares de destaque, é entender que o samba começa no morro, começa na comunidade".

Questionada sobre a mensagem que pretende levar à avenida na nova escola, Cacau reafirma a importância de dar visibilidade àqueles que fazem o Carnaval carioca ser uma das maiores festas populares do mundo. "Sempre respeitei quem constrói o samba no dia a dia, a ancestralidade e os verdadeiros sambistas. Sempre defendi o corpo livre, a valorização das origens e da diversidade. Nas minhas redes sociais, sempre fiz questão de enaltecer passistas, inclusive corpos que muitas vezes são invisibilizados, como o corpo gordo, e de dar visibilidade a quem sustenta o Carnaval com trabalho e resistência", destacou. "O Carnaval é de todos, sim, mas é fundamental respeitar quem chegou antes, quem faz essa cultura existir e resistir", completou.

A atriz e humorista carrega uma relação antiga com o samba. Sua trajetória carnavalesca começou ainda na infância, quando acompanhava familiares em blocos de rua e na quadra das escolas de samba. "Sou sambista antes mesmo de aprender a escrever e a ler", afirmou, ressaltando que a família é majoritariamente salgueirense. "Tenho tias que já trabalharam na quadra do Salgueiro. Então, cresci vivenciando esse universo de forma muito natural", disse.

O início da carreira profissional de Cacau foi em 2000, quando estreou no teatro após se formar na Casa de Arte das Laranjeiras (CAL), na zona sul do Rio de Janeiro. Ela ganhou projeção como a empregada Zezé em "Avenida Brasil", novela de sucesso das 21h da Globo em 2012. A consolidação da carreira cômica veio no ano seguinte com o "Vai que Cola", e em seguida vieram várias participações em séries de humor da Globo. Só em 2024 ela gravou mais de quatro filmes. "As oportunidades de desfilarmos em posições de destaque vieram depois que me tornei uma pessoa pública", comentou. **E**



SP City Marathon, que completa dez anos, agora é patrocinada pela Nike

Passadas largas

Corridas de rua crescem 85% em um ano e as mulheres superam os homens em participação; marcas esportivas focam em provas famosas e empresas fora do setor investem em patrocínio, de olho na conexão com o público que valoriza saúde e bem estar

Lena Castellón

O Brasil é a terra do futebol, mas também da corrida de rua, uma atividade cada vez mais popular. Um estudo da Associação Brasileira de Organizadores de Corridas de Rua e Esportes Outdoor (Abraceo), divulgado na semana passada, mostra uma forte expansão da prática em território nacional: em um ano, o crescimento foi de 85%. Em 2025, foram organizadas 5.241 provas, contra 2.827 em 2024, todas regulamentadas mediante documento (permit) emitido pelas federações de atletismo dos Estados e pela Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt).

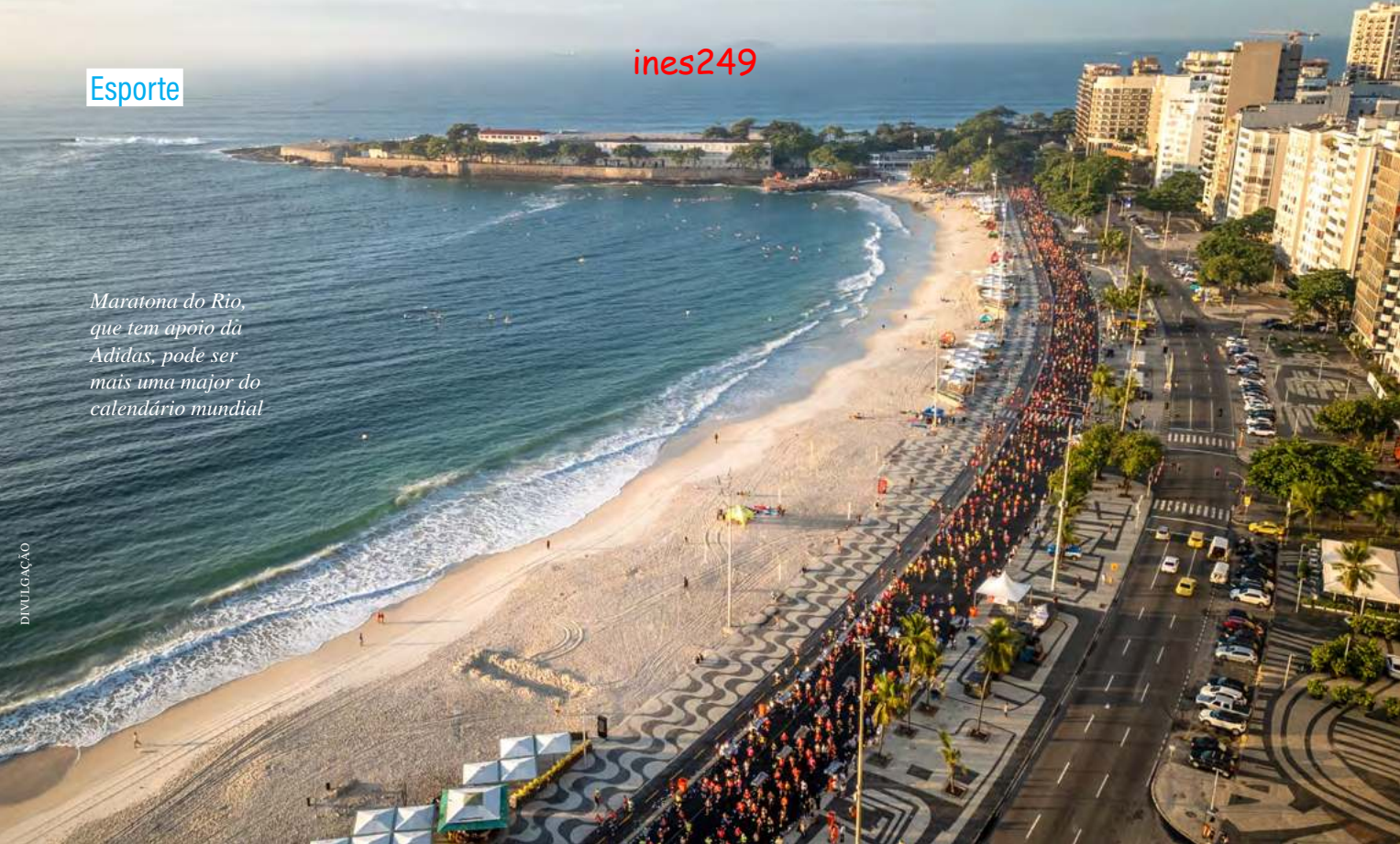
Entre esses eventos, estão os capazes de atrair gente de todos os cantos do país e do exterior, como a Maratona do Rio e a São Silvestre, e também os atrelados a marcas e experiências ou que foram criados para atender perfis específicos de público. Ou seja, há oportunidades para qualquer pessoa que deseje se aventurar por esse universo.

Guilherme Chelso, presidente da associação, destaca que a corrida se tornou uma atividade mais feminina e mais jovem. No ano passado, elas superaram os homens nas inscrições em

provas, como revela a entidade. Na verdade, retomaram a posição. Em 2017 e 2018, as mulheres representavam 53% dos participantes. A partir de 2019, porém, elas assumiram a dianteira, chegando a 55% em 2022. Desde então, as corredoras foram crescendo a presença nos eventos pelas ruas do Brasil até que, em 2025, chegaram a 52,4% desse público. Os dados são de um levantamento da Ticket Sports, plataforma de venda de inscrições para eventos esportivos realizados na América Latina, e eles balizam as análises nacionais da Abraceo.

Maratona do Rio, que tem apoio da Adidas, pode ser mais uma maior do calendário mundial

DIVULGAÇÃO



Em relação à idade, a média ficou em 38 anos. Em 2024, esse valor era um ano acima. A Geração Y (29 a 44 anos) é a prevalente, com 49,4% da participação, seguida da Geração X (45 a 60 anos), com 23,3%. A turma mais jovem, formada pelas Gerações Z (13 a 28) e Alfa (até 12 anos,) teve um avanço importante nos últimos anos – o que contribuiu para esse ligeiro rejuvenescimento da base de corredores brasileiros. Eles saíram de 17,1% em 2023 para 21,4% no total de inscritos no ano passado.

“Mudou bastante o cenário em comparação ao que era antes da pandemia. Está entrando, de maneira intensa, uma nova leva de corredores. Há uma preocupação maior com a saúde. Antes, o corredor era alguém de 45 anos que, depois de formar família, começava a dar mais atenção para esse lado. Hoje, o cuidado vem mais cedo”, diz Chelso. Ele também comenta outro fenômeno dos novos tempos: existe uma quantidade grande de influenciadores de corrida surgindo nas redes, o que até virou uma fonte de monetização. O presidente da Abraceo conta que uma comediante trocou o foco do seu conteúdo no Instagram porque ser da corrida rendia mais para ela do que fazer humor.

A Ticket Sports dimensionou, no ano passado, quanto movimentava esse mercado: R\$ 1,1 bilhão. O cálculo se baseou no total de inscrições projetadas para 2025, a partir da base da plataforma e também de concorrentes. Esses números incluem eventos realizados sem o permit, o documento liberado pelas federações de atletismo. Isso significa mais de 11 mil provas espalhadas pelo país. As entidades esportivas batalham para que mais competições sejam organizadas com a certificação, que assegura a disponibilidade de atendimento médico e a montagem de um percurso com segurança, entre outros benefícios.

População que corre

Mas quantos são os corredores no Brasil? No ano passado, eles eram 13 milhões, de acordo com um estudo encomendado pela Olympikus para a consultoria Box 1824. A segunda edição desse trabalho foi apresentada na quinta-feira, 29, e atualizou o número: são 15 milhões, um aumento de 14%. É um contingente equivalente à reunião das populações da Dinamarca (9 milhões) e da Áustria (6 milhões).

Para esses brasileiros, a atividade se encaixa em diferentes propósitos.

“A corrida era antes algo mais para o atletismo do que para o coletivo. Hoje, tem a pessoa que busca performance e a que busca algo mais social. Com as redes, tornou-se um momento que você compartilha. Então, ela também é de todos. E há outro fenômeno se formando, o das crews [grupos de pessoas unidas por um interesse], em que se corre por uma causa, por um grupo. A corrida é, assim, um ambiente de encontro de comunidades; é manifesto”, avalia Marcio Callage, CMO (Chief Marketing Officer) da Vulcabras, grupo que produz a Olympikus e licencia as marcas Under Armour e Mizuno no Brasil.

Não à toa, a Olympikus – que completou 50 anos em 2025 e comemorou o feito com o patrocínio de 50 corridas – decidiu apoiar algumas crews, como as Chapadinhas por Endorfina, uma comunidade criada por e para mulheres. No calendário de provas apoiadas pela marca, há um treino (que não chega a ser uma prova, mas uma atividade com distâncias variadas) com as Chapadinhas, em abril, que será realizado em Belo Horizonte. Essas comunidades e o fato de as provas estarem mais seguras permitiram que mais mulheres aderissem ao esporte, ressaltava Callage.



Bota Pra Correr, da Olympikus, aconteceu em Cumbuco (CE); próxima edição será na Chapada dos Guimarães (MT)

GUILHERME

A Olympikus tem um evento proprietário, que chega à 12ª edição neste ano, o Bota Pra Correr (BPC). Trata-se de um circuito criado em 2019 com a proposta de levar gente para conhecer o Brasil correndo. A prova já levou milhares de pessoas a destinos como Japão, Pantanal, Alter do Chão, Chapada dos Veadeiros e São Miguel dos Milagres. Normalmente, ocorre em duas etapas no ano. Em 2025, a última prova foi em Cumbuco (CE). Mas desta vez, por ser ano de eleição, só haverá uma corrida e o local escolhido é a Chapada dos Guimarães (MT), nos arredores do parque nacional. O formato mistura esporte, música, cultura local, integração com comunidades, sustentabilidade, gastronomia regional, talks e ativações. As inscrições abrem em fevereiro.

Maior vendedora de tênis do país, com 15 milhões de pares comercializados por ano – e a linha de corrida respondendo por 20% do faturamento –, a Olympikus está integrada ao calendário das principais provas brasileiras. Patrocina a Maratona Internacional de São Paulo, em abril, e assumiu neste ano o naming rights da Maratona Internacional de Porto Alegre, que ocorre em maio. A expectativa em relação ao evento gaúcho é um aumento excepcional de participação, pulando de 20 mil corredores para 30 mil. “O interesse cresce

porque essa é uma prova de velocidade, rápida mesmo. A temperatura é amena e o percurso bem plano. Para quem quer fazer performance, essa é a escolha. É a Boston do Brasil”, diz Callage, referindo-se a uma das majors do esporte, cobijadíssima entre os corredores brasileiros de alto desempenho. As maratonas mais prestigiadas do mundo, com nível técnico elevado e duro de alcançar, compõem a World Marathon Majors. São seis: Boston, Nova York, Londres, Berlim, Chicago e Tóquio.

Uma major no Brasil?

Uma das estrelas do calendário nacional é exatamente uma prova cotada para ser a major da América do Sul, a Maratona do Rio, que será disputada em junho. “No ano passado, disseram que ela está tentando obter o certificado de major. É a nossa maior candidata. Uma major está muito ligada ao apelo turístico”, pondera Chelso, da Abraceo.

A Dream Factory, uma das organizadoras da Maratona do Rio, junto com a Spiridon, conta que, em 2025, foi batido um recorde: 60 mil corredores inscritos, 33% a mais do que no ano anterior (45 mil). As distâncias disponíveis para a prova deste ano são as mesmas da edição passada: 5 km, 10 km, meio-maratona de 21 km, maratona de 42 km e o Desafio 21+42 km.

Neste ano, o modelo de inscrição seguiu o padrão das majors: sistema de sorteio gratuito (via Loteria Federal) para fazer inscrições, no caso para as provas de 21k, 42k e Desafio. A Dream Factory explica que a razão foi a alta demanda. Desse modo, pretenderam garantir igualdade de chances para obtenção de inscrição. A diferença em relação às gigantes internacionais é que a participação no sorteio não teve custo.

Dois dados chamam atenção sobre a edição 2025 – e sobem o sarrafo para esta edição, a 24ª. O impacto total do evento na economia do Rio, de acordo com estudo da FGV, foi de R\$ 587,4 milhões, aumento de 65% sobre 2023, quando foi realizada a pesquisa anterior. É bom acrescentar um “detalhe”: 85% dos inscritos são de fora da cidade (segundo a pesquisa da Abraceo, em 2025, 52% dos participantes de provas viajaram para correr). Outro recorde do ano passado: 42 marcas se envolveram com a prova, que os organizadores classificam de festival. Foram mais de 30 produtos licenciados.

Patrocinadora esportiva da Maratona do Rio, a Adidas afirma que o evento é sua principal plataforma de running no país e “um dos projetos mais estratégicos da marca na América Latina”, como ressalta Bárbara Ikari, gerente sênior de marketing da empresa no Brasil. A corrida está entre as três principais categorias da companhia, juntamente com futebol e training. Segundo Bárbara, a parceria com a maratona, que está em seu quinto ano, permite “entregar, em escala, tudo aquilo em que a Adidas acredita: inovação em produto, democratização e incentivo à prática esportiva”. Dentre as majors, ela patrocina a de Berlim.

Nesta edição, a Adidas terá um portfólio de produtos exclusivos para a prova, maior do que o do ano passado, além de ativações de marca já no período de preparação. Mas ela não dá spoilers.

Outra corrida emblemática do Brasil é a São Silvestre, que em 2025 realizou sua 100ª edição, que teve problemas na distribuição de camisetas e medalhas, com gente burlando o sistema de números de peito, falsificando a participação. Organizadora da prova no ano passado, junto com a Fundação Casper Líbero, dona da marca, a Vega

Desafios para todos os gostos

Confira algumas provas distribuídas pelo Brasil, em diferentes percursos:

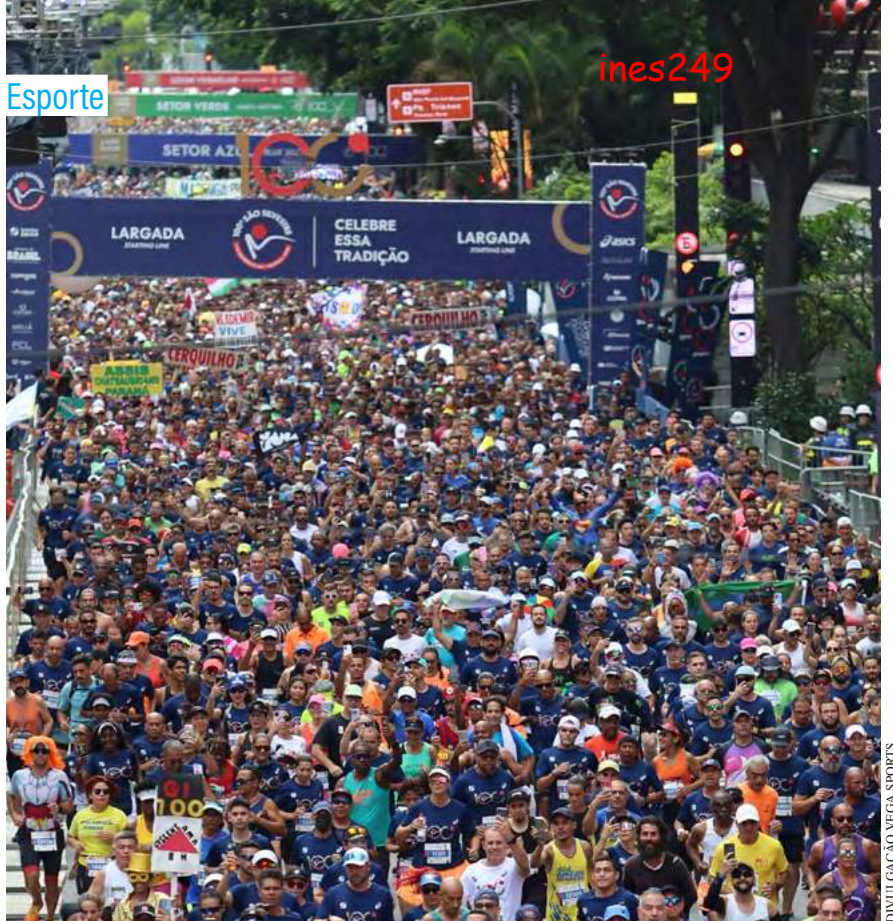
NOME	Corre Carnaval Folia	Fla Run	Meia de Curitiba 2026	Athenas Run Faster	Corrida Folha 105 Anos
DATA	1/2	1/3	8/3	15/3	29/03
LOCAL	Salvador (BA)	Rio de Janeiro (RJ)	Curitiba (PR)	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)
PERCURSO	5 km	10 km, 5 km e 3 km	21 km, 10 km e 5 km	21,1 km, 15 km, 10 km e 5 km	10 km, 5 km e 3 km
ORGANIZAÇÃO	Olympikus	Vega Sports	Olympikus	Iguana Sports e Nubank	Vega Sports e Folha de S. Paulo

NOME	Corrida das Nações 2026	Maratona Int. de SP 2026	Treinão do Corre com Chapadinhas de Endorfina	Ayrton Senna Racing Day
DATA	11/4	11/4 e 12/4	26/4	1/5
LOCAL	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)	Belo Horizonte (MG)	São Paulo (SP)
PERCURSO	5 km	42 km, 21 km, 10 km e 7 km	A ser definido	12,5 km, 8,3 km e 4,1 km
ORGANIZAÇÃO	Yescom e Olympikus	Yescom e Olympikus	Olympikus	Vega Sports

NOME	Corrida do Samba	Asics Golden Run	10k SP Challenge	Maratona Internacional de Porto Alegre Olympikus
DATA	3/5	17/5	31/5	30 e 31/5
LOCAL	Rio de Janeiro (RJ)	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)	Porto Alegre (RS)
PERCURSO	21 km e 10 km	21 km e 10 km	10 km	42 km, 21 km, 10 km e 5 km
ORGANIZAÇÃO	Olympikus	Vega Sports e Asics	Iguana Sports e Nubank	Olympikus

NOME	Maratona do Rio	Athenas Run Stronger	Asics Golden Run	Nike SP City Marathon
DATA	6 e 7/6	21/6	12/7	26/7
LOCAL	Rio de Janeiro (RJ)	São Paulo (SP)	Rio de Janeiro (RJ)	São Paulo (SP)
PERCURSO	42 km, 42 km + 21 km, 21 km, 10 km e 5 km	25 km, 18 km, 12 km e 6 km	21 km e 10 km	42 km e 21 km
ORGANIZAÇÃO	Dream Factory, Spiridon e Adidas	Iguana Sports e Nubank	Vega Sports e Asics	Iguana Sports, Nike e Nubank

NOME	Athenas Run Longer	Venus Women's Half Marathon	Volta Internacional da Pampulha	101ª São Silvestre
DATA	18/10	29/11	6/12	31/12
LOCAL	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)	Belo Horizonte (MG)	São Paulo (SP)
PERCURSO	28 km; 21,1 km; 14 km e 7 km	21,1 km; 15 km, 10 km e 5 km	18 km	15 km
ORGANIZAÇÃO	Iguana Sports e Nubank	Iguana Sports e Nubank	Yescom	Vega Sports



São Silvestre, que teve problemas na edição centenária, já está preparando a próxima corrida

parques, nas crews locais, nas grandes provas – e oferecendo produtos e fomentando iniciativas que aproximem a marca desses diferentes momentos”, explica Aguiar. A Nike apoia crews como City Runners, em São Paulo, e Calma Clima Crew, em Belo Horizonte. “Esses coletivos criam ambientes de acolhimento, pertencimento e progressão para corredores de vários níveis”.

No universo da corrida, tem sempre gente com experiência e iniciantes. Especializada em fotos de corridas, a Fotop está nas ruas desde 2015 e tem obtido 100% de crescimento ano a ano, de acordo com o CEO André Chaco. Ele pontua que os eventos têm impulsionado provas menores e treinos e isso também entrou no radar da Fotop, que lembra que as redes sociais também movimentam esse mundo. Hoje, é possível ver os fotógrafos com os coletes da empresa em grandes avenidas ou locais onde os corredores costumam treinar, além de deparar com eles nas mais variadas provas brasileiras.

Na esteira do avanço do esporte, também cresce o interesse por consultorias, acionadas especialmente por marcas que não fazem parte do meio esportivo. Para o consultor Felipe Campos, que orienta os investimentos de uma companhia de energia em corridas de rua, os diferentes perfis de participantes possibilitam que as empresas tenham interações diretas com seu público-alvo. O patrocínio de uma corrida ajuda a estimular a saúde física e mental dos colaboradores, a promover seus produtos ou serviços e a rejuvenescer a marca. E os corredores costumam gostar das ações que circundam as provas.

Callage aponta que bancos como Itaú e Santander já entenderam que a corrida é um ponto de conexão importante com o público e ressalta que o segmento precisa de mais recursos com o boom de eventos. “É legal esse movimento de marcas porque, em geral, no esporte quem recebe financiamento são os clubes. Na corrida, o recurso beneficia o coletivo”. **E**

Sports argumenta que essa é uma das provas mais democráticas do mundo, com corredor de 95 anos e de 18. Marcos Yano, CEO da empresa, diz que, por ser muito desejada, é tomada por grupos “que surgem para atrapalhar”. Para atender quem ficou sem seu kit, eles estão utilizando IA para identificar quem pegou as medalhas alheias. Por outro lado, Yano garante que até o fim do mês todos os inscritos que ficaram sem os itens vão recebê-los em casa.

Na 100ª edição, as inscrições se esgotaram em horas. Depois, houve uma fase de sorteio. A Vega está estudando o formato para a próxima prova. Incluindo a São Silvestre, a empresa calcula que terá de 45 a 50 eventos em 2026: 30 já estão confirmados. No ano passado, foram 24. “Se pegarmos como base o ano de 2024, vamos ter um aumento de cerca de 180% de provas para 2026. Só isso já mostra como o mercado de corrida tem crescido e tem um potencial enorme ainda”, salienta Yano. Entre as provas deste ano estão as duas etapas da Golden Run, circuito da Asics que completará 15 edições. A marca patrocinou a São Silvestre.

Dentre as grandes marcas esportivas, a Nike terá como sua principal

iniciativa em 2026 o patrocínio à SP City Marathon, que chega a seu 10º ano. Para Renato Aguiar, diretor de marketing da Fisica, distribuidora oficial da Nike no Brasil, essa é uma das maratonas mais relevantes do calendário nacional. “Queremos fortalecer a experiência dos corredores ao longo de toda a jornada e consolidar o evento como um dos grandes símbolos da corrida de rua no país”, afirma.

A Iguana Sports é a responsável pela organização da SP City Marathon. “Nesta edição comemorativa, o evento terá limite de 35 mil corredores”, revela Eliane Verderio, CEO da empresa, focada em São Paulo. Ela antecipa que a maratona terá muitas ativações no período pré-prova, assim como atrações ao longo do percurso e “uma largada pensada para ser inesquecível”.

Patrocinadora da maior de Chicago, a Nike entende que inovação na corrida passa cada vez mais pela combinação de como a marca se conecta com quem corre e pela oferta de produtos mais adequados às necessidades de quem coloca o pé no asfalto. “Temos olhado para a jornada de ponta a ponta, entendendo como a corrida aparece no dia a dia das pessoas – na rua do bairro, nos



Cristiane: Copa no Brasil, cuja marca foi lançada no Rio, é grande vitória para o futebol feminino

REPRODUÇÃO DO INSTAGRAM

Mulheres épicas

Fifa lança no Rio de Janeiro logomarca, slogan e música da Copa do Mundo Feminina, que será realizada no país, em oito estados, em 2027

A Copa do Mundo Feminina 2027, organizada pela Fifa, entrou oficialmente em cena com a apresentação de sua marca, slogan e identidade sonora, dando os primeiros contornos ao torneio que será disputado no Brasil entre 24 de junho e 25 de julho de 2027. Primeira edição do mundial feminino realizada na América do Sul, a competição, que sai de 24 seleções para 32, chega cercada de expectativas esportivas e simbólicas.

O lançamento foi feito em evento no Rio de Janeiro, que teve festa, arte, música e futebol, com uma partida entre lendas da Fifa e jogadoras e ex-atletas nas areias de Copacabana.

O emblema apresentado pela Fifa combina as letras “W” e “M”, que remetem a “women” e “world”, palavras em inglês que correspondem, respectivamente, a “mulheres” e “mundo”. A junção das formas cria um losango onde fica disposto o troféu da Copa Feminina. O design tem inspiração na bandeira brasileira e na geometria do campo de futebol. Vem o nome da Copa, junto do nome do país, que será exibido no modo original, com “s”, mesmo que a logomarca mostre o torneio em inglês ou outro idioma.

O slogan “Go Epic”, que em português virou “Vai ser épico”, propõe uma convocação direta ao público e às

seleções que disputarão o torneio. Uma identidade sonora exclusiva, inspirada na riqueza e nos sons vibrantes do Brasil, foi criada para conectar torcedores.

Entre as vozes do lançamento esteve Marta, que participou do evento por meio de um vídeo. Maior nome da história do futebol feminino brasileiro e recordista de gols em Copas do Mundo, a atacante destacou a relação emocional do país com o esporte e projetou o impacto do torneio. Para Marta, o Brasil está pronto para receber o futebol feminino com envolvimento e responsabilidade, e a Copa de 2027 tem potencial para criar novas referências e ampliar o alcance do jogo entre meninas e mulheres. Os fãs esperam que Marta seja mais uma convocada, porém nem ela tem certeza de seu futuro, como teria declarado ao técnico da seleção, Arthur Elias.

Outras presenças importantes no evento foram Formiga, única jogadora a participar das sete edições da Copa do Mundo e que aposentou as chuteiras, e Cristiane, artilheira que disputou o torneio entre 2007 e 2019 e segue em atividade, agora no Flamengo. Ao falar sobre a Copa no Brasil, Formiga ressaltou o efeito estrutural que a competição pode ter para a modalidade, aproximando a torcida, fortalecendo a base e abrindo caminhos para quem ainda está começando no esporte.

Cristiane reforçou: “O fato de ter a Copa no nosso país é uma vitória muito grande para a modalidade. O futebol feminino é uma realidade aqui, não tem como dar passos atrás”.

A Copa será disputada em oito cidades, já com estádios definidos: Belo Horizonte (Estádio Mineirão), Brasília (Estádio Nacional), Fortaleza (Arena Castelão), Porto Alegre (Estádio Beira-Rio), Recife (Arena de Pernambuco), Rio de Janeiro (Estádio do Maracanã), Salvador (Arena Fonte Nova) e São Paulo (Arena Itaquera).

Para acompanhar a Copa do Mundo do Brasil, a torcida terá duas opções: CazéTV e Globo. O canal do YouTube, comandado por Cazé, será responsável por exibir as 64 partidas ao vivo. A Globo terá 56 jogos ao vivo na TV aberta e exibirá o mundial na íntegra no SporTV. O Globoplay concentrará todas as transmissões. **E**



É preciso respeitar o tempo de cocção para ter um bom caldo – e um bom molho –, ensina o chef Danilo, da Battuto's

A alma do sabor

Chefs explicam como um bom caldo transforma molhos clássicos

André Ruoco

Na culinária clássica, os molhos ocupam um papel central: são eles que ajudam a construir sabor, textura, além de dar equilíbrio ao prato. No coração dessas preparações está o caldo, elemento que pode determinar tanto o sucesso quanto o fracasso de uma receita. Molhos como demi-glace, velouté e bisque têm em comum a dependência de um caldo bem executado, rico em sabor, limpo em aromas e corretamente estruturado.

Quando mal preparado, porém, o molho compromete toda a experiência. Muitas vezes é difícil identificar a falha, mas a ausência de um caldo consistente resulta em um sabor raso, incapaz de sustentar o prato.

“O caldo fornece profundidade, corpo e complexidade que nenhum tempero isolado consegue entregar. No demi-glace, por exemplo, é ele que ga-

rante a concentração de sabor e a textura aveludada”, explica o chef Danilo Soares. O profissional é um dos nomes por trás da Battuto's, marca de caldos que se inspira na arte da culinária europeia e nos aromas marcantes do Brasil.

Escolher os ingredientes certos pode parecer um desafio, já que cada elemento interfere no resultado final do prato. Para o chef Denis Orsi, à frente do Mare na Cucina, restaurante italiano badalado na capital paulista, essa etapa é decisiva. “Cada ingrediente adiciona uma camada. Ossos trazem corpo, legumes equilibram, temperos realçam. Quanto melhor a origem, mais puro o sabor.”

Um ponto fundamental para acertar o caldo é entender que não basta apenas selecionar bons produtos. O preparo exige técnica e atenção. É nesse processo que muitos cozinheiros acabam cometendo erros.

Segundo o chef Danilo, mesmo pequenos deslizes podem comprometer a qualidade de um caldo, ainda que os ingredientes sejam bons. Ferver em vez de cozinhar suavemente libera impurezas, deixando o caldo turvo e com gosto amargo. Adicionar sal cedo impede a redução adequada, limitando seu uso em molhos e preparações mais complexas. Ingredientes de baixa qualidade ou ossos mal preparados podem gerar sabores metálicos ou amargos, prejudicando o equilíbrio final. “Além disso, não respeitar o tempo de cocção resulta em um caldo raso, sem corpo nem profundidade de sabor”, explica Danilo.

Cada detalhe conta. É fundamental ter paciência e cuidado na escolha dos ingredientes e atenção ao preparo fazem toda a diferença, transformando um simples líquido em uma base rica e versátil para a cozinha.

Pode até parecer exagero pensar que um simples caldo faz tanta diferença, mas, segundo o chef Bruno Barros, do restaurante de inspiração mediterrânea Baleia Rooftop, também em São Paulo, cada tipo tem o seu papel específico na construção de molhos. “O caldo de carne, seja ele escuro ou claro, serve de base para molhos mais robustos, como o demi-glace — ideal para acompanhar carnes vermelhas. Já o de aves é mais leve e costuma ser usado em molhos delicados, como o velouté, ou em preparações cremosas para frango e outras aves.”

O caldo de peixe, também chamado de fumet, é mais aromático e rápido de preparar, sendo a base perfeita para molhos de frutos do mar e emulsões. E o de legumes, por ser neutro e versátil, é indicado quando não se deseja interferir no sabor principal ou para dar leveza às receitas, além de ser muito utilizado em molhos vegetarianos. O chef Denis Orsi enfatiza: “É técnica, mas também respeito ao processo, nada pode ser apressado”. Ao respeitar o longo tempo de preparo, garante-se que o caldo atinja a extração máxima de sabor e corpo. Assim, constrói-se um molho capaz de mudar o patamar de qualquer prato. **E**

DIVULGAÇÃO



LENA CASTELLÓN

Com uma onda saudável em alta, o consumo se dá mais pela experiência e menos pelo exagero

Já ouviu falar de zebra striping?

Em ano de Copa, o consumo de bebidas alcoólicas em 2026 traz como tendências a moderação e a conveniência do “ready to drink”

André Ruoco

Beber em 2026 será menos sobre exagero e mais sobre uma escolha. O mercado de bebidas alcoólicas caminha para um momento em que saúde, funcionalidade, memória afetiva e inovação se encontram para atender um consumidor cada vez mais atento ao que consome, e principalmente ao contexto em que bebe. A experiência segue no centro da mesa, mas agora vem acompanhada de consciência, leveza e propósito.

O calendário deste ano será agitado. Com Copa do Mundo e uma sequência de feriados prolongados, 2026 promete muitos encontros, ocasiões sociais e celebrações. A diferença está no jeito de brindar. As pessoas querem aproveitar esses momentos, mas sem abrir mão do

bem-estar, do equilíbrio e de escolhas mais responsáveis.

Uma das tendências que traduz esse comportamento é o chamado zebra striping, conceito identificado pela Euromonitor International. A prática consiste em intercalar bebidas alcoólicas e não alcoólicas em uma mesma ocasião ou ao longo do dia, criando um ritmo de consumo mais moderado. O hábito reflete uma relação mais saudável com o álcool e abre espaço para experiências mais leves e sustentáveis.

Esse cenário dialoga diretamente com o crescimento do mercado de bebidas saudáveis, como produtos nutricionais, funcionais, que dão energia ou servem a dietas específicas. Segundo dados da consultoria Mordor Intelli-

gence, o setor deve registrar uma expansão média anual de 3,49% entre 2025 e 2030, impulsionado pela busca por produtos de baixa caloria e alinhados a diferentes estilos de vida.

Outra mudança perceptível está na forma como as pessoas escolhem o que beber. Hoje, o consumidor tem o costume de pesquisar, comparar, observar rótulos e se conectar com marcas que contam boas histórias. A embalagem, nesse contexto, também ganhou um papel decisivo. Um estudo da Two Sides Brasil mostra que ela influencia a decisão de compra em 99% dos casos, seja de forma constante ou frequente.

Para João Paulo Modulo, head de marketing da Missiato, o design vai além da função estética. Ele precisa criar vínculo. Segundo ele, quando a identidade visual conversa com o consumidor, o produto deixa de ser apenas uma bebida e passa a carregar também um significado. É o que aconteceu com a marca Corote, que construiu uma identidade tão reconhecível que se tornou sinônimo de categoria.

A conveniência também segue como protagonista. Os drinks RTDs, conhecidos como Ready To Drink ou Pronto para Beber, devem ocupar ainda mais espaço em 2026. Práticos, saborosos e com propostas cada vez mais variadas, eles acompanham o ritmo da vida contemporânea. Dados da Fortune Business Insights indicam que o mercado global de RTDs foi estimado em US\$ 732,49 bilhões em 2023 (cerca de R\$ 4,1 trilhões) e pode alcançar US\$ 1,22 trilhão até 2032 (cerca de R\$ 6,8 trilhões), com crescimento anual de 6,06%.

Olhando para 2026, o mercado de bebidas alcoólicas aponta para um futuro em que inovação, personalização e experiência caminham juntas. Drinks mais leves, refrescantes, visualmente atraentes e com referências tropicais ganham espaço ao lado de sabores que despertam memória afetiva e celebram o encontro. Como resume João, este ano será marcado por criatividade, estética e diversão, com um brinde que faz sentido do primeiro gole ao depois da última taça. **E**

Do passado para os tempos atuais

Grazi Massafera, protagonista na série “Dona Beja”, que estreia na HBO Max, destaca que algumas questões da história de época ainda valem para hoje

Marília Barbosa

No ar como a antagonista Armininda na novela “Três Graças”, da TV Globo, Grazi Massafera dá vida ao mesmo tempo à mocinha de “Dona Beja”, adaptação da novela exibida em 1986 na extinta TV Manchete, que estreia no dia 2 de fevereiro, na HBO Max. A atriz destacou o peso de interpretar uma personagem que já existe no imaginário de parte do público e comentou que, apesar de ser uma história de época, muita coisa que a personagem vivia no passado existe até os dias de hoje.

“Falar sobre questões femininas é o meu dia a dia”, afirmou. A atriz ressaltou que é uma mulher solteira, livre e que “faz o que quero. Porém, assim como Dona Beja, ela é constantemente julgada em relação a namorados, ao

corpo, à filha, à beleza e ao processo de envelhecer. Grazi é mãe de Sofia, de 13 anos, fruto de seu antigo relacionamento com Cauã Reymond.

“Esse julgamento continua e não vai parar”, completou a artista, que enfrentou preconceito no início da carreira por despontar e atingir a fama após participação na quinta edição do “Big Brother Brasil”, em 2005. “A Beja trouxe e abriu portas para a gente e vai continuar abrindo. E eu quero também ser uma dessas mulheres. Eu não quero sucumbir ao que me delegam. E eu estou sempre me desconstruindo e me conhecendo melhor, nesse processo de amadurecimento”, ressaltou.

“Dona Beja” é uma releitura da história sobre Ana Jacinta de São José, figura histórica mineira. A narrativa ex-

plora empoderamento, desejo e vingança, revivendo a trajetória da cortesã que desafiou convenções em Araxá, Minas Gerais. Famosa pela beleza, inteligência e atuação política e social, Beja construiu uma vida marcada por controvérsias, e a produção resgata discussões sociais que continuam atuais, envolvendo o público em uma trama cheia de detalhes e ambientação histórica.

A obra destaca a luta por liberdade em uma sociedade rígida e opressora, oferecendo novas camadas à personagem e reforçando seu legado sobre protagonismo feminino e desigualdade.

Ao ser questionada sobre como será viver duas personagens tão distintas na TV ao mesmo tempo, Grazi lembrou que as gravações da HBO Max aconteceram há dois anos. Porém, admitiu, é inevitável relacionar Armininda e Beja.

“Dona Cobra [vilã Armininda] é o oposto da Beja. Talvez ela queria ser a Beja [risos]. Acho muito interessante ter essas duas personagens hoje no ar. Não foi premeditado, aconteceu e o destino ajudou. Eu vivo intensamente a Armininda, mas também foi o melhor momento para eu encarnar uma personagem como a Beja”, disse a atriz, que pontuou as diferenças: “Armininda é comédia e, ao mesmo tempo, tem a questão do preconceito. É uma mulher que não vive seus desejos, e quando vive, se satisfaz de uma maneira que fica até engraçada, vira criança. É uma mulher ruim, né? É uma ruindade em pessoa. Então, é muito diferente um personagem do outro. E eu estou agradecendo ao universo por esse momento”, comemorou.

Além de Grazi, o elenco da série conta com David Junior, André Luiz Miranda, Pedro Fasanaro, Bianca Bin, Deborah Evelyn, Indira Nascimento, Bukassa Kabengele, Otavio Muller, Isabela Garcia, Erika Januza, Tuca Andrada, Kelzy Ecard, Werner Schunemann, Thalma de Freitas, Gabriel Godoy, Ricardo Burgos, Catharina Caiaido, Lucas Wickhaus, Luciano Quirino, João Villa, Rita Pereira, Simone Mazzer, Isabelle Nassar, Nikolas Antunes, Eduardo Pelizzari, Arilson Lucas, Paulo Mendes, Miguel Rômulo, entre outros. A produção tem ainda a participação especial de Elizabeth Savalla, Othon Bastos, Elisa Lucinda, Virgílio Castelo e Lúcia Veríssimo. **E**

Beja, interpretada por Grazi Massafera, construiu uma vida marcada por controvérsias

DIVULGAÇÃO

Apoio para o audiovisual

Como funciona o fundo setorial que viabiliza a produção de filmes e séries nacionais

Matheus Almeida

Fenômeno internacional e quatro vezes indicado ao Oscar, “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, deve cerca de um terço dos recursos para sua realização e comercialização a políticas públicas brasileiras. O filme utilizou, sobretudo, recursos do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA), que desde 2008 viabiliza a produção de filmes e séries nacionais. A explicação ganhou importância diante da multiplicação de mensagens errôneas nas redes que associam a produção à Lei Rouanet, ferramenta que não se aplica para a realização de longa-metragem de ficção.

Dados da Ancine (Agência Nacional de Cinema) apontam que o orça-

mento total de “O Agente Secreto” foi de R\$ 28 milhões, sendo R\$ 19 milhões provenientes do Brasil. Os R\$ 9 milhões restantes foram arrecadados por meio de um regime de coprodução internacional com empresas da França, Alemanha e Holanda.

Dos recursos brasileiros, mais de R\$ 12 milhões foram provenientes do FSA. Ou seja, cerca de 55,4% do montante. Responsável pelo filme, a produtora brasileira Cinemascópio captou R\$ 7,5 milhões para a realização do longa em 2023 pelo edital “Produção Cinema via Distribuidora 2023”. O fundo entregou ainda R\$ 750 mil para distribuição.

A parte de distribuição contou ainda com incentivo público por meio de

outra fonte: a Lei do Audiovisual, que permite que pessoas físicas e jurídicas invistam em produções audiovisuais nacionais e deduzam parte do valor do Imposto de Renda. Isso possibilitou a captação de R\$ 3,75 milhões.

Criado pela Lei nº 11.437, de 28 de dezembro de 2006, e regulamentado pelo Decreto nº 6.299, de 12 de dezembro de 2007, o FSA é um fundo de apoio e investimentos na criação audiovisual brasileira. É administrado por um Comitê Gestor, cujos membros são indicados pelo Ministério da Cultura (MinC) e abrange dois representantes do próprio MinC, um da Casa Civil da Presidência da República, um do Ministério da Educação, um da Ancine, um de instituição financeira credenciada pelo Comitê Gestor e quatro representantes do setor audiovisual.

A distribuição dos recursos ocorre sobretudo por meio de chamadas públicas: editais com critérios estratégicos para definir filmes e séries apoiados. O edital vencido por “O Agente Secreto”, por exemplo, buscava apoiar produções independentes destinadas às salas de exibição de cinema também por distribuidoras independentes.

Outra forma de distribuição de recursos desse fundo é por meio do Suporte Automático (SUAT), que remunera produtoras, distribuidoras e programadoras brasileiras com base no seu sucesso comercial recente. Por fim, o fundo concede também apoio para ampliar o valor de editais regionais disponibilizados por prefeituras e governos estaduais.

Os editais disponibilizados variam em critérios, porém, em geral, premiam o currículo do proponente e dos profissionais envolvidos, o projeto de distribuição, o potencial comercial e a adequação do orçamento às necessidades do filme. Posteriormente, é feita uma prestação de contas com notas fiscais para apontar o uso dos gastos.

Entre alguns filmes recentes que tiveram o apoio do FSA estão “O Último Azul”, dirigido por Gabriel Mascaro e estrelado por Denise Wainberg e Ro-



“O Último Azul”, com Rodrigo Santoro e Denise Weinberg, é uma das produções recentes que contou com recursos do FSA

DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

drigo Santoro, e “Oeste Outra Vez”, de Erico Rassi. O primeiro conquistou o Urso de Prata no Festival de Berlim do ano passado. O segundo, que tem como protagonistas Ângelo Antônio e Babu Santana, foi o grande vencedor do 52º Festival de Cinema de Gramado, em 2025, conquistando os Kikitos de Melhor Filme, Melhor Fotografia (André Carvalheira) e Melhor Ator Coadjuvante (Rodger Rogério).

Obter esse apoio não é uma tarefa simples. “Não é um espaço que esteja totalmente restrito, mas por outro lado também tem de se ressaltar que existe um acesso que não é particularmente fácil”, analisa o produtor audiovisual Pedro Guindani, que já realizou dois longas-metragens e três séries com apoio do fundo. Profissionais iniciantes podem ter mais dificuldades para aprovação, porém há ocasionalmente editais voltados especificamente para eles. Da mesma forma, há chamadas públicas destinadas a filmes de arte com circulação mais restrita, e outros mais voltados para o setor comercial.

Anteriormente, o FSA também já apoiou restauros e eventos relacionados ao mercado audiovisual. Hoje, estes segmentos estão paralisados e há um foco em realização e distribuição de obras.

De onde vem os recursos?

Diversas fontes de receitas compõem o fundo. A principal é a Contribuição para o Desenvolvimento da

Indústria Cinematográfica Nacional (Condecine), imposto cobrado das próprias empresas que atuam com veiculação, produção, licenciamento e distribuição de obras audiovisuais.

Nos últimos anos, a arrecadação com a Condecine diminuiu substancialmente com o fim de diversas emissoras de TV paga. Por isso, o projeto atualmente em tramitação de regulamentação do streaming busca incluir as empresas do segmento na base do imposto.

“O objetivo é o de equiparar as plataformas de Vídeo sob Demanda (VOD), como Netflix, Amazon Prime Video e Disney+ aos canais de TV por assinatura, que já contribuem para o fomento do setor”, explica o advogado Fabrício Polido, sócio de L.O. Baptista.

Outra contribuição relevante para o FSA advém do Fundo de Fiscalização das Telecomunicações (Fiste), mantido por sua vez de cobranças feitas das empresas que atuam com telecomunicação móvel.

Os próprios projetos apoiados pelo FSA também contribuem com sua manutenção, pois devem retornar 80% dos lucros arrecadados. Após o valor disponibilizado pelo fundo ser atingido, a alíquota de devolução cai para 40%, constituindo assim a taxa de lucro por projeto.

Assim, projetos de grandes empresas que visam justamente retornar lucros ao realizador não costumam

buscar o FSA. “É uma equação que é complexa, que se refere também a essa visão de para onde seu projeto vai e qual o tipo de financiamento mais adequado para ele”, comenta Guindani.

Há retorno para a sociedade?

Apesar de não contar com a obrigação de contrapartidas sociais como ocorre com a Lei Rouanet, o FSA gera impactos indiretos, incluindo a movimentação da economia. Pesquisa da Oxford Economics a partir de dados do IBGE afirma que o setor audiovisual emprega o mesmo que a indústria de produtos farmacêuticos e 50% a mais do que a automobilística no Brasil.

As obras produzidas devem sempre ser catalogadas e arquivadas na Cinemateca Nacional. “Eles passam assim a compor parte da memória audiovisual brasileira”, diz Guindani.

Frequentemente, os editais determinam a necessidade de circulação e distribuição das obras. Outras podem buscar por conta própria promover exposições gratuitas e ampliar sua difusão. “Então, existe esse retorno social de outro por outros caminhos”, diz Guindani.

Por fim, o FSA tem investido recentemente em editais com direcionamento regional. Com recursos do fundo, os estados do Acre, Amapá, Roraima e Rondônia tiveram seu primeiro longa-metragem de ficção registrado nos últimos cinco anos. **E**



Jorge Aragão toca pela segunda vez no projeto "Sucessos do Samba"

MARCOS OLIVEIRA

Duas gerações do samba

Jorge Aragão e Xande de Pilares se apresentam em São Paulo com dois shows marcados por clássicos e novos projetos

André Ruoco

O samba será protagonista no Espaço Unimed, em São Paulo, na sexta-feira, 30, com o encontro de dois grandes nomes do gênero: Jorge Aragão e Xande de Pilares. Os artistas se apresentam na segunda edição do projeto "Sucessos do Samba", que celebra a força, a história e a continuidade do ritmo mais popular do país.

De um lado, Jorge Aragão, referência absoluta do samba brasileiro, compositor de clássicos que atravessam gerações e fazem parte da memória afetiva do público. Do outro, Xande de Pilares, um dos principais representantes do samba contemporâneo, conhecido pela potência vocal, carisma e trajetória marcada por sucessos à frente do grupo Revelação e na carreira solo. São dois shows distintos que se apresentam como se fosse um festival.

No palco, o repertório promete reunir grandes sucessos que marcaram época, em uma noite de música que valoriza tanto a tradição quanto a renovação do samba. A proposta do projeto é

justamente promover encontros que dialogam com diferentes públicos, reafirmando o gênero como patrimônio cultural vivo e em constante movimento.

Conhecido como "poeta do samba", Jorge tem uma estrada longa como compositor, cantor e instrumentista. São 50 anos dedicados à música. É

autor de clássicos que marcaram gerações como "Coisinha do Pai", "Moleque Atrevido", "Lucidez" e "Eu e Você Sempre". Parte de sua obra foi eternizada nas vozes de artistas como Beth Carvalho, Alcione e Zeca Pagodinho.

Jorge esteve na primeira edição do projeto "Sucessos do Samba", em agosto do ano passado. Na ocasião, quem também esteve no palco foi Tíe, compositor e cantor que foi indicado ao Grammy Latino, em 2024, na categoria Melhor Álbum Brasileiro de Samba/Pagode do Ano, por "Subúrbio (Ao Vivo)".

Xande de Pilares leva para São Paulo, pela primeira vez, o show "Vento", que mostra imagens da família do sambista e reúne sucessos autorais e regravações de ídolos. Sob direção musical de Juan Felipe, Xande é acompanhado por 14 músicos na apresentação desta sexta. Entre as canções no setlist estão "Tem Que Provar Que Merece", "Clareou", "Trilha do Amor", "Deixa Acontecer", "Samba de Arerê", "Brincadeira Tem Hora", "Anunciação", "Sina", "Palco" e "Vento", single que dá nome ao espetáculo e soma mais de cinco milhões de streams. A faixa integra o audiovisual "Nos Braços do Povo Vol. 1", lançado em outubro passado. O volume 2 desse trabalho estava programado para chegar às plataformas de música na quinta-feira 29, às 21h, na véspera da apresentação de Xande no projeto "Sucessos do Samba". No YouTube, o conteúdo será exibido na sexta, 30, ao meio-dia. O novo álbum tem participações especiais de Sombrinha, Diogo Nogueira e de Ferrugem. **E**

LEO AVERSA

Xande de Pilares leva para a capital paulista, pela primeira vez, seu show "Vento"



Filmes e séries

A pedida é Oscar

Chega aos cinemas um dos candidatos a Melhor Filme Internacional do Oscar. No streaming, "Bridgerton" retorna para a quarta temporada.



FOTOS DIVULGAÇÃO

"A Voz de Hind Rajab"

Representante da Tunísia na disputa da estatueta de Melhor Filme Internacional do Oscar 2026, o longa-metragem dirigido por Kaouther Ben Hania retrata uma noite de terror em Gaza, quando uma chamada de emergência se transforma em uma luta desesperada pela vida de Hind Rajab, uma criança palestina de apenas 6 anos presa dentro de um carro sob fogo cruzado. Os voluntários do Crescente Vermelho (equivalente da Cruz Vermelha) coordenam um resgate em meio à violência implacável, mantendo contato telefônico constante com a menina. O filme, que conquistou o Leão de Prata – Grande Prêmio do Júri no Festival de Veneza 2025, é um dos concorrentes de "O Agente Secreto".

Em cartaz no cinema

"Socorro!"

Linda (Rachel McAdams) é executiva de uma consultoria e espera virar vice-presidente. Quem assume, porém, é o filho de um ex-presidente. Em uma viagem a trabalho, um acidente aéreo deixa a dupla em uma ilha deserta, ampliando a tensão entre ambos.

"A Pequena Amélie"

Uma menina belga que vive no Japão descobre, ao criar vínculo com a governanta, afetos e emoções escondidas sob a rotina de uma família estrangeira. Conquistou o Prêmio do Público no Festival de Annecy 2025.

Destaques do streaming

"Bridgerton"

Na quarta temporada da série, Benedict, o boêmio da família, rejeita se casar até se apaixonar pela misteriosa Dama de Prata. Ele não sabe que se trata de uma criada chamada Sophie Baek. A parte 1 estreia no dia 29.

Netflix

"Ela caminha sozinha"

Com Christopher von Uckermann, ex-RBD, a série mexicana, que estreia no dia 29, mostra uma professora designada para apurar acusações de assédio contra um dos educadores mais queridos da escola.

GloboPlay

BROOK RUSHTON

Impulso no mercado de aviação

Constantino Júnior, cofundador e presidente do conselho de administração da Gol, morre aos 57 anos

No dia 15 de janeiro de 2001, um Boeing 737-700, prefixo PR-GOE, decolou do aeroporto internacional de Brasília para o aeroporto de Congonhas, na capital paulista. Foi o voo inaugural da Gol, companhia aérea fundada por Constantino Júnior e sua família. Essa primeira aeronave levou clientes e convidados. Pouco depois, outro Boeing 737-700, prefixo PR-GOL, saiu do Rio de Janeiro, do aeroporto internacional do Galeão, com o mesmo destino. E essa foi a primeira viagem comercial da empresa. E assim Constantino Júnior lançou-se em um mercado onde se tornou referência. No sábado, 24, o empresário morreu, aos 57 anos, após enfrentar um câncer.

Fundador e presidente do conselho de administração da Gol, Constantino Júnior foi o primeiro CEO da companhia, liderando o início das operações e sua expansão pelo território brasileiro e, depois, internacional, em 2004. A empresa apresentou seu modelo como inspirado no “low cost”, com a oferta de passagens a preços competitivos, impulsionando o mercado.

Quando jovem, Constantino – que nasceu em Patrocínio (MG) e foi criado em Brasília – já manifestava paixão pela aviação e também pelo automobilismo. Com 14 anos, começou a trabalhar como digitador em uma das empresas do pai. Com 15, aprendeu a pilotar aviões. Anos depois, concretizou seu fascínio pelo automobilismo e pelo esporte ao competir como piloto na Porsche GT3 Cup Challenge Brasil, na qual foi vice-campeão em 2008 e campeão em 2011.



Primeiro presidente da Gol, Constantino Júnior liderou a expansão da companhia pelo território brasileiro e, depois, internacional

Antes de fundar a Gol, Constantino tinha atuado, entre 1994 e 2000, como diretor da Comporte Participações, grupo que controla diversas empresas de transporte terrestre de passageiros no Brasil. Em 2004, já liderando a Gol, ele se tornou membro do Conselho de Administração, acumulando a função com a presidência executiva até 2012. Nessa época, ele deixou o comando e assumiu o cargo de presidente do Conselho, última posição que ocupou.

Durante seu comando na Gol, lidou com a tragédia da colisão entre um Boeing 737 da Gol e um Embraer Legacy 600 em setembro de 2006. Morreram 154 pessoas. As famílias das vítimas foram indenizadas pela companhia aérea. As investigações apontaram que

o acidente foi causado por erros dos pilotos do Legacy e dos controladores de tráfego aéreo.

Também conduziu a empresa em importantes aquisições, como a da Varig em 2007 (assumindo também o programa de fidelidade Smiles) e da Webjet em 2012.

Ao longo de sua trajetória, Constantino recebeu diversos reconhecimentos por sua atuação executiva, entre eles “Executivo de Valor” em 2001 e 2002, concedido pelo jornal Valor Econômico; e “Executivo Ilustre” na categoria Transporte Aéreo pela premiação Gala (Galería Aeronáutica Latinoamericana), patrocinada pela IATA, em 2008.

Além da atuação na Gol, Constantino era membro do Conselho de Administração e um dos fundadores do Grupo Abra, holding que controla Gol e Avianca, e membro do conselho desta última.

Em comunicado, a Gol afirmou que a liderança e a visão estratégica de Constantino Júnior, bem como seu estilo “simples, humano, inteligente e próximo deixaram marcas profundas em nossa cultura. Os princípios estabelecidos por seu fundador fizeram a companhia crescer e hoje fazer parte de um grupo internacional”. A Abear (Associação Brasileira das Empresas Aéreas) divulgou nota em que descreve Constantino como empreendedor visionário e um dos grandes responsáveis por redefinir o transporte aéreo no Brasil. “À frente da criação da Gol, tornou-se a imagem de um novo modelo de companhia aérea no país. Como legado, Constantino deixa inestimável contribuição para a democratização da aviação comercial brasileira”, apontou a entidade. **E**

EDUVIANA

Especulações e encontros

Entre os assuntos mais comentados na semana estão os boatos de que o filho de Wagner Moura apoiaria Trump e o momento em que Virgínia Fonseca sambou ao lado de Paolla Oliveira na Grande Rio

Filho de Wagner Moura nega ser apoiador de Trump

Bem Moura, de 19 anos, filho do ator Wagner Moura, usou as redes para rebater rumores de que apoiaria Donald Trump. O jovem afirmou que rejeita o político. Segundo ele, raramente se manifesta publicamente e quase não utiliza o Instagram, o que teria alimentado interpretações equivocadas. “Nunca falei sobre isso abertamente. Mal uso as redes. Essa lógica de especulação coletiva é absurda. Tenham bom senso”, escreveu.



1 mi 11 mil

Tarcísio, Flávio Bolsonaro, Lula e o 2º turno

Uma pesquisa eleitoral do instituto Apex/Futura, divulgada na quinta-feira, 22, mostra que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) lideram os cenários de primeiro turno para a corrida presidencial de 2026. A sondagem também testou simulações de segundo turno: em confrontos específicos, tanto Flávio Bolsonaro quanto o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), aparecem com percentuais superiores aos de Lula. Os resultados, no entanto, variam de acordo com o cenário analisado e não se repetem em todas as simulações.



422 mil 6,8 mil

Adélio Bispo é diagnosticado com esquizofrenia

Adélio Bispo, autor do atentado a faca contra o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) em Juiz de Fora (MG), na campanha eleitoral de 2018, foi diagnosticado com esquizofrenia paranoide, conforme laudo médico realizado na Penitenciária Federal de Campo Grande (MS). Segundo o documento, revelado pelo site Metrôpoles, o criminoso teve uma piora significativa do quadro de saúde mental, com mais alucinações e menor capacidade de compreender a realidade.



352 mil 3 mil



713 mil 18,3 mil

Fernanda Torres, Nicole Kidman e Tilda Swinton em Paris

A atriz Fernanda Torres marcou presença na terça-feira, 27, no desfile da Chanel em Paris e se sentou ao lado de outras estrelas de cinema, como Nicole Kidman e Tilda Swinton. Na cena divulgada por Fernanda nas redes, a brasileira aparece conversando de forma íntima com Tilda, de mãos dadas.

Virginia e Paolla Oliveira juntas na Grande Rio

Um vídeo da influencer Virginia Fonseca sambando ao lado da atriz Paolla Oliveira viralizou na quarta-feira, 28, ao mostrar as duas em ensaio da Grande Rio. Esta será a primeira vez que Virginia desfilará como rainha de bateria, substituindo Paolla, que ocupou o posto durante anos – ela se afastou para se dedicar à novela “Vale Tudo”.



268 mil 3,1 mil

www.istoe.com.br

TikTok: www.tiktok.com/@revistaistoe

Instagram: www.instagram.com/revistaistoe/

LinkedIn: www.linkedin.com/company/istoe

YouTube: youtube.com/@revistaistoe

X: x.com/istoe

Facebook: www.facebook.com/istoedinheiro

Palavra por palavra



"Já me casei e me separei outras vezes, então não é algo inédito para mim. Ainda assim, sinto que estou vivendo uma segunda adolescência — e arrisco dizer que essa é a melhor de todas, a que começa agora, aos 60"

Heloisa Perissé, atriz, ao comentar o romance com Leticia Prisco, ao jornal Extra



"Caxias, obrigada pela generosidade de sempre. Me sinto em casa. Essa energia contagiante vai brilhar na avenida"

Paolla Oliveira, ex-rainha da bateria da Grande Rio, de Duque de Caxias, após ensaio da escola para o Carnaval

ines249

"Noventa e três aninhos. Com calma no olhar e fome de mundo! Parabéns pra mim e pra todos que hoje celebram a vida"

Ary Fontoura, ator, nas redes ao comemorar aniversário

FOTOS REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



"Eu 'tô' te avisando. Se não devolver, tu vai ver se eu não vou saber quem é. Quem 'tá' falando aqui é o Adriano. Pessoal, toma cuidado que tem um montão de safado aí. Mas se mexer com a família é diferente. Aí, tu vai ver o diabo descer na Terra. Pode devolver; vou te dar 24 horas"

Adriano Imperador, ex-jogador, que foi para as redes sociais alertar que sua mãe sofreu um golpe de R\$ 15 mil e mandar um ultimato ao criminoso para ele devolver o dinheiro

CARL COURT/REUTERS



"Não faz sentido enfiar a cabeça na terra e enterrá-la na areia quando se trata da China. É do nosso interesse estabelecer uma relação sem comprometer a segurança nacional"

Keir Starmer, primeiro-ministro britânico, em viagem à China, a primeira de um premiê inglês desde 2018

ines249

Paixão sobre rodas.



MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

